



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura
Valdir Colatto

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pesqueira

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Fernando Vieira de Luca
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2023

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: agosto de 2023 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	14
Milho.....	17
Soja	22
Trigo.....	25
Hortaliças	28
Alho.....	28
Cebola.....	31
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	40
Suinocultura.....	44
Leite	51

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
 Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

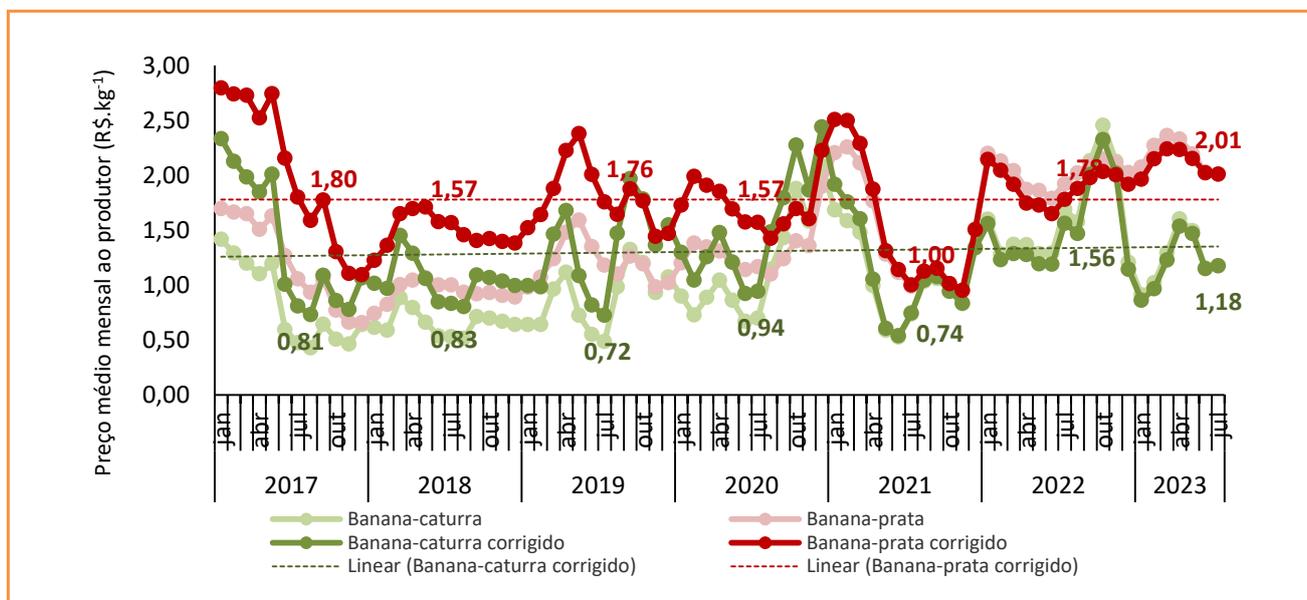


Figura 1. Banana: Santa Catarina - Evolução do preço mensal ao produtor

Fonte: Epagri/Cepa, 2023.

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – jul./23=100).

Entre junho e julho de 2023, as cotações da banana-caturra apresentaram recuperação com valorização de 2,2% devido à diminuição da oferta. O preço de julho de 2023, porém, está 24,9% menor do que o do mesmo mês do ano anterior, com problemas na qualidade da fruta devido ao atraso no desenvolvimento dos cachos, e com frutas de menor calibre. A expectativa é de manutenção nas cotações, com a oferta ainda reduzida e menor demanda com o recesso escolar.

A banana-prata sofreu desvalorização de 0,5% nos preços, entre junho e julho de 2023, devido à redução na demanda por conta da concorrência de outras frutas da época e da presença de *chilling* nas frutas. A cotação de julho, porém, estava 12,9% valorizada em relação à do mesmo mês do ano anterior, isto devido à baixa oferta da fruta no ano corrente. A expectativa é de manutenção das cotações, seja pela menor oferta da variedade, seja pela concorrência de frutas da época.

Tabela 1. Banana: Santa Catarina – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças

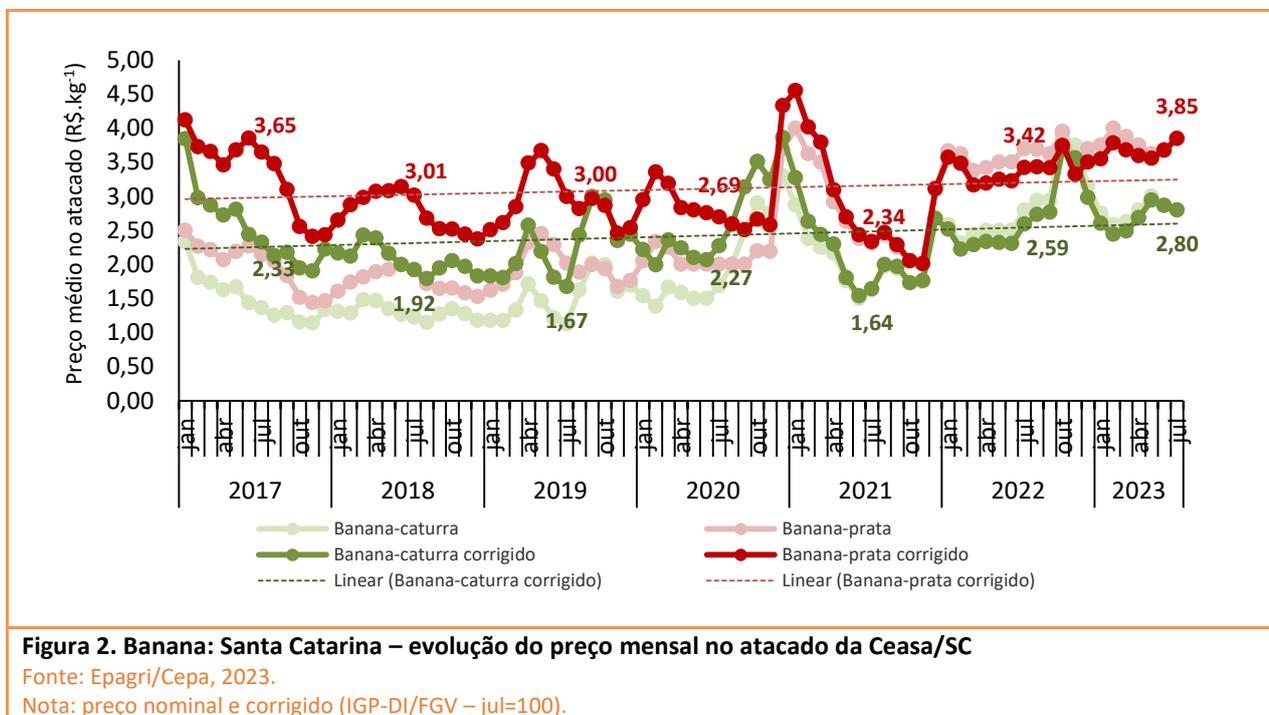
Praça	Mês				Var. (%) Jul/Jun.23
	Mai.23	Jun.23	Jul.23	Ago.23**	
Litoral Norte					
Caturra	1,47	0,98	1,20	1,68	22,4
Prata	2,15	1,97	2,05	2,13	4,1
Litoral Sul					
Caturra	1,55	1,39	1,11	1,40	-20,1
Prata	2,28	2,11	1,46	2,10	-30,8

(*) valores em R\$/cx. 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹; (**) até o dia 11 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, jul. 2023.

No Litoral Norte Catarinense, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram valorização nas cotações entre junho e julho, com aumento na demanda relativa pela fruta no mercado nacional, devido à baixa oferta. No período, o aumento das precipitações retardou as aplicações de defensivos agrícolas para o controle da Sigatoka, provocando aumento nos custos operacionais, refletindo-se no aumento dos preços, com menor margem ao produtor. Com eventos climáticos e meteorológicos extremos presentes na região houve redução na volume produzido da fruta, o que aumentou a demanda relativa no bimestre. A estratégia dos produtores foi continuar a diminuição no ritmo da colheita, com redução na oferta da fruta, o que fez com que a valorização das cotações futuras compensasse a diminuição sazonal na demanda.

No Litoral Sul Catarinense, a banana-prata apresentou desvalorização entre junho e julho de 2023, com expectativa de aumento nas cotações a partir de agosto. No mês de julho, houve temperaturas baixas e clima seco, com grande amplitude térmica diária, o que afetou o desenvolvimento da fruta, e sua qualidade, com o aumento de *chilling*, que são danos fisiológicos na planta e nos frutos. A expectativa dos produtores é que nos próximos meses a qualidade melhore e o aumento da demanda se reflita na valorização das cotações da variedade.



No mercado atacadista estadual, entre junho e julho de 2023, houve desvalorização de 2,2% nas cotações da banana-caturra e valorização de 4,8% nas da banana-prata, comportamento que segue desde maio de 2023. No comparativo com o mês de julho do ano anterior, os preços, em relação aos de 2022, mantiveram-se valorizados em 8,1% para banana-caturra e em 12,5% para a banana-prata. No 1º semestre deste ano, em comparação os do mesmo período do ano anterior, os preços estão valorizados em 14,6% para a banana-caturra e em 9,8% para a banana-prata. A expectativa é de tendência de desvalorização nas cotações da banana-caturra devido ao aumento da oferta a partir de agosto e de manutenção nas cotações da banana-prata.

Em julho de 2023, a banana de origem catarinense, comercializada nas centrais de abastecimento do País, representou 9,0%, com volume de 5 mil toneladas, e valor negociado de R\$ 14,5 milhões. No 1º semestre do ano, a produção de banana catarinense participou com 8,9% (30,3 mil toneladas) do total no mercado atacadista das centrais de abastecimento nacionais, com aumento de 48,1% em relação ao mesmo período de 2022, e com valor negociado de R\$ 79,1 milhões.

Tabela 2. Banana: Brasil – preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças

Praça	Mês				Variação (%) Jul.-Jun./2023
	Mai.23	Jun. 23	Jul.23	Ago. 23**	
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	1,48	1,42	2,34	3,03	64,8
Prata	2,49	2,68	2,93	2,98	9,3
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	1,50	1,32	2,37	3,00	79,5
Prata	2,26	2,70	3,42	3,52	26,7
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	1,91	1,53	2,02	2,45	32,0
Prata	2,82	2,42	2,75	2,86	13,6
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica					
Prata	2,13	2,31	2,44	2,40	5,6

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹; (***) até 11 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa, adaptado de Cepea/Esalq/USP.

No mercado nacional, com a baixa oferta da banana-nanica, devido ao atraso no desenvolvimento dos cachos em função das temperaturas baixas e do clima seco no Sul e no Sudeste, os preços de junho e julho apresentaram valorização, com perspectiva de aumento no mês de agosto.

Os preços da banana-prata, entre junho e julho, estavam valorizados nas principais regiões com menor volume de frutas. A expectativa é de aumento nas cotações nas regiões produtoras do Sul, do Sudeste e de Bom Jesus da Lapa, e de desvalorização no preço da fruta do Vale do São Francisco, com o aumento da oferta da variedade de outras regiões.

Tabela 3. Banana: Santa Catarina – comparativo da estimativa de 2021/22 e 2022/23

Microrregiões	Estimativa 2021/22			Estimativa 2022/23			Variação (%)			2022/23
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg/ha)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	4.676	135.462	28.970	4.731	138.579	29.292	1,2	2,3	1,1	19,7
Itajaí	3.790	117.583	31.025	3.764	106.103	28.189	-0,7	-9,8	-9,1	15,1
Joinville	12.854	370.062	28.790	11.976	339.433	28.343	-6,8	-8,3	-1,6	48,3
São Bento do Sul	520	12.318	23.688	578	13.794	23.865	11,2	12,0	0,7	2,0
Araranguá	5.317	60.595	11.396	5.315	81.132	15.265	0,0	33,9	33,9	11,5
Criciúma	1.306	22.060	16.891	1.305	23.209	17.785	-0,1	5,2	5,3	3,3
Tubarão	93	1.104	11.871	93	1.149	12.355	0,0	4,1	4,1	0,2
Total	28.556	719.184	25.185	27.762	703.399	25.337	-2,8	-2,2	0,6	100,0

Fonte: Epagri/Cepa, jul. de 2023.

Tabela 4. Bananas: Santa Catarina – estimativa e participação 2022/23 por grupo de variedades

Microrregiões	Banana-caturra			Banana-prata			Banana-caturra	Banana-prata
	Estimativa 2022/23			Estimativa 2022/23				
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Participação na produção (%)	Participação na produção (%)
Blumenau	4.364	131.038	30.027	367	7.541	20.548	22,7	6,0
Itajaí	3.249	94.308	29.027	515	11.795	22.903	16,3	9,4
Joinville	10.419	305.991	29.369	1.557	33.442	21.478	52,9	26,8
São Bento do Sul	320	8.640	27.000	258	5.154	19.977	1,5	4,1
Subtotal (a)	18.352	539.977	29.423	2.697	57.932	21.480	93,4	46,4
Araranguá	1.619	27.915	17.242	3.696	53.217	14.399	4,8	42,6
Criciúma	502	10.545	21.006	803	12.664	15.771	1,8	10,1
Tubarão	--	--	--	93	1.149	12.355	--	0,9
Subtotal (b)	2.121	38.460	18.133	4.592	67.030	14.597	6,6	53,6
Total (a+b)	20.473	578.437	28.254	7.289	124.962	17.144	100,0	100,0

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2023.

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços ao produtor apresentaram tendência de crescimento a partir do mês de julho e primeira quinzena de agosto, tanto em Santa Catarina, quanto no Rio Grande do Sul. No mês de julho, comparativamente ao mês de junho, os preços aumentaram 0,68% no estado, fechando em R\$ 78,97/sc 50 kg. Na primeira quinzena de agosto, os preços continuaram com a tendência de aumento, com média parcial de R\$ 80,96/sc 50 kg. Até o momento, estima-se que desde janeiro deste ano até o momento cerca de 92% da produção da safra 2022/23 já tenha sido comercializada no estado, especialmente entre os meses de fevereiro e abril, levando a um preço médio, até o momento, de R\$ 81,45¹/sc 50kg. O comportamento observado dos preços segue o esperado. Há também outros fatores que tendem a manter o mercado aquecido, como as exportações e a relação estoque/consumo baixa (em razão da quebra da safra gaúcha e, conseqüentemente, menor produção brasileira).

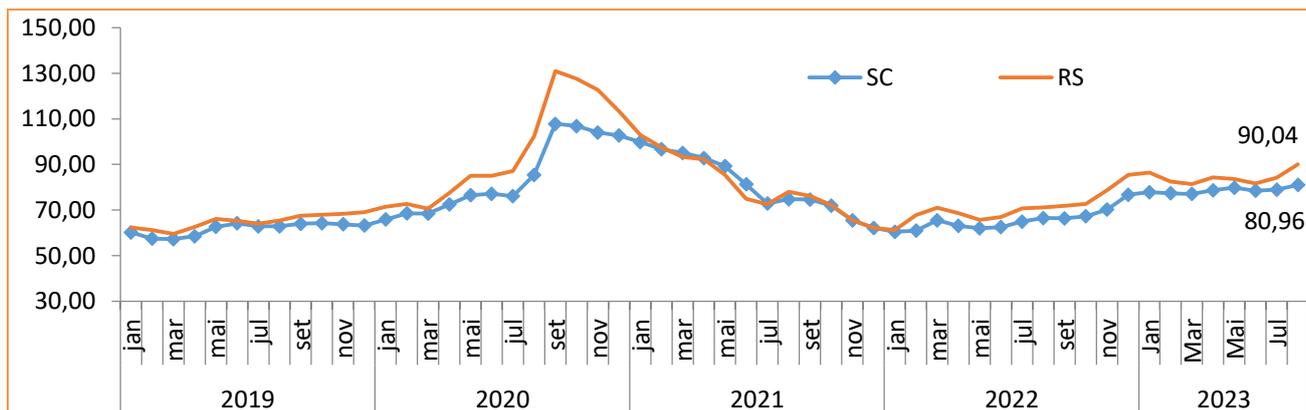


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2019 a ago*/./2023)

Nota: *Média da primeira quinzena do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) ago./2023.

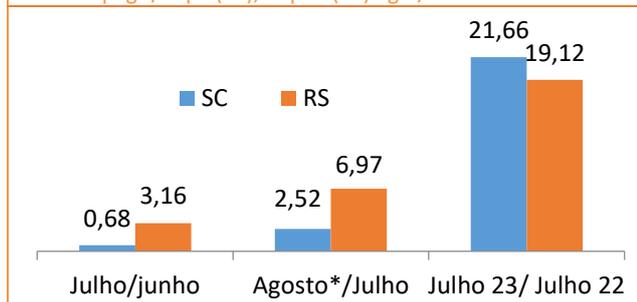


Figura 2. Arroz irrigado – Variação dos preços reais ao produtor em Santa Catarina

Nota: *Média da primeira quinzena do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), ago./2023.

Região Agro	mai/2023	jun/2023	jul/2023
Alto Vale do Itajaí	79,11	76,00	76,57
Grande Florianópolis	83,24	82,00	82,30
Litoral Norte	79,16	76,00	76,00
Litoral Sul	83,55	81,00	81,00

Figura 3. Arroz em casca – Preços nominais ao produtor por região agro (R\$/sc 50 kg)

Nota: *Média da primeira quinzena do mês.

Fonte: Observatório Agro Catarinense - Epagri/Cepa (SC), ago./2023.

¹ Preço médio ao produtor, ponderado pelo percentual de comercialização estimado para cada mês.

Mercado Externo

De janeiro a julho de 2023, as exportações catarinenses somaram US\$ 8,856 milhões, tendo como principal destino a Venezuela. Esse valor é aproximadamente o dobro do total exportado em todo o ano de 2022 e representa cerca de 2,5% do total exportado pelo Brasil. Isto porque o dólar estava favorável e impulsionou as exportações e os Estados Unidos, grande concorrente do Brasil no mercado externo, apresentaram quebra na última safra. Contudo, a partir de junho, o ritmo de exportações caiu e tende a continuar em queda, pois, a partir de setembro, os Estados Unidos deverão exportar mais e o câmbio está baixo, o que torna o produto brasileiro menos competitivo. Do lado das importações, a partir de junho houve um incremento significativo para atender às necessidades da indústria no período de entressafra, totalizando US\$ 12,72 milhões de janeiro a julho de 2023, o que representa um incremento de 74,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O principal parceiro comercial segue sendo o Uruguai, pela proximidade dos mercados e por características similares do grão consumido no Brasil. A necessidade de importação do Brasil tende a ser maior este ano, visto que a safra gaúcha foi muito prejudicada pela estiagem. A expectativa, contudo, era de que os países do Mercosul não conseguissem atender a tal demanda, em razão de problemas climáticos provocados pelo fenômeno La Niña, que resultou em quebra na produção e, portanto, em menor propensão, por parte desses países, a exportar.

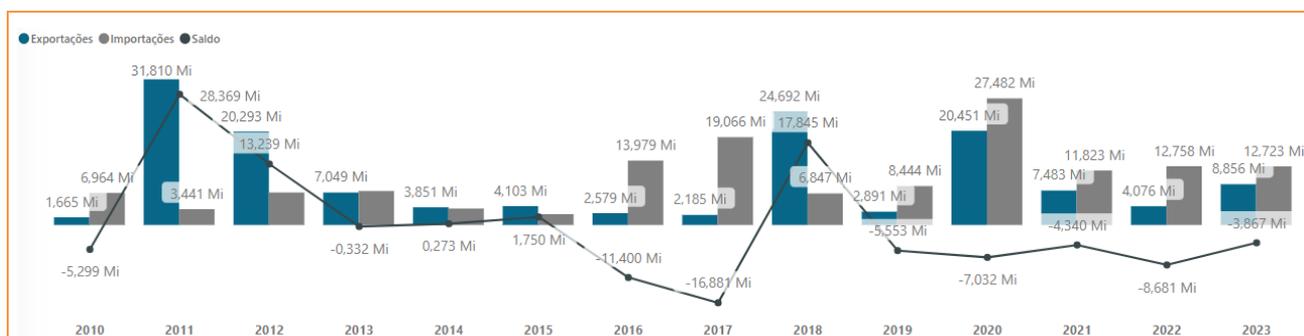


Figura 4. Arroz e derivados: Balança comercial de Santa Catarina (US\$), 2010 a 2023*

Nota: *Dados de janeiro a julho de 2023.

Fonte: MDIC – Comexstat, ago. 2023. Elaboração: Observatório Agro Catarinense, ago. 2023.

Acompanhamento de safra

A safra 2022/23 encontra-se encerrada em Santa Catarina. Contrariando a expectativa inicial, que apontava para atraso no plantio e potencial perda na floração em decorrência deste atraso, a safra fechou com produtividade média 1,6% maior do que a observada na safra 2021/22, alcançando a maior marca registrada no estado (8.621 kg por hectare). O bom resultado da safra pode ser atribuído ao incremento de tecnologia, à utilização de cultivares de alto potencial produtivo e à melhoria do manejo. Cabe destacar que, em levantamento coordenado pela Epagri/Cepa, no qual foram entrevistados 942 produtores de arroz, foram apontados os cultivares SCS 116 Satoru, SCS 121 CL e SCS 122 Miura, ambos da Epagri, como os mais plantados, representando, juntos, cerca de 60% da área do estado. Em termos de desempenho da safra, destaca-se que esta não foi marcada por problemas generalizados ou de grande monta. Pontualmente, foram registrados problemas de excesso de chuva na região de Tubarão, Tabuleiro e Tijucas, o que resultou em redução de produtividade e em necessidade de replantio de algumas áreas. Com isso, a produção alcançou a marca de 1,27 milhão de toneladas do grão (1,24% a mais que na anterior), excedente que segue tanto para o mercado externo quanto para beneficiamento na indústria. Os principais municípios produtores foram Turvo, Forquilha e Meleiro, responsáveis por 24,5% da produção estadual. A demanda da indústria catarinense gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, suprida, em sua maior parte, pela produção do estado, e o restante, pelos países do Mercosul (Uruguai e Paraguai) e pelo Rio Grande do Sul.

Tabela 1. Arroz irrigado: Santa Catarina: comparativo das safras 2021/22 e 2022/23

Microrregião	Safrá 2021/22			Safrá 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	503.134	8.550	58.848	521.576	8.863	0,00	3,67	3,67
Blumenau	7.115	65.516	9.208	7.115	64.752	9.101	0,00	-1,17	-1,17
Criciúma	21.829	187.310	8.581	21.829	204.114	9.351	0,00	8,97	8,97
Florianópolis	1.895	11.908	6.284	1.899	13.269	6.987	0,21	11,43	11,20
Itajaí	9.461	83.079	8.781	9.163	78.387	8.555	-3,15	-5,65	-2,58
Ituporanga	170	1.622	9.541	170	1.483	8.726	0,00	-8,54	-8,54
Joinville	18.285	144.641	7.910	18.195	144.325	7.932	-0,49	-0,22	0,27
Rio do Sul	10.635	98.317	9.245	10.643	100.763	9.468	0,08	2,49	2,41
Tabuleiro	132	1.179	8.932	132	924	7.000	0,00	-21,62	-21,62
Tijucas	2.164	15.985	7.387	2.164	14.548	6.723	0,00	-8,99	-8,99
Tubarão	17.023	139.311	8.184	16.873	123.395	7.313	-0,88	-11,42	-10,64
Santa Catarina	147.557	1.252.002	8.485	147.031	1.267.538	8.621	-0,36	1,24	1,60

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jul./2023.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de julho, o preço médio mensal recebido pelos produtores catarinenses de feijão-carioca fechou em R\$ 161,35/sc de 60kg, uma redução de praticamente 30%. Por outro lado, para o feijão-preto, o preço médio sofreu um acréscimo de 6,44%, fechando a média mensal em R\$ 208,20/sc de 60kg. Na comparação com um ano atrás, o preço médio da saca do feijão-carioca, em termos nominais, está 39% abaixo do que foi pago em junho de 2022. Já para o feijão-preto, houve um incremento anual de aproximadamente 16%.

Tabela 1. Feijão – evolução do preço médio mensal recebido pelo produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jul./23	Jun./23	Varição mensal (%)	Jul./22	Varição anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	161,35	229,42	-29,67	265,01	-39,12
Paraná		184,24	240,99	-23,55	285,91	-35,56
Mato Grosso do Sul		199,75	243,69	-18,03	250,27	-20,19
Bahia		245,75	291,82	-15,79	317,26	-22,54
São Paulo		247,65	296,66	-16,52	316,44	-21,74
Goiás		213,46	263,77	-19,07	322,41	-33,79
Santa Catarina	Feijão-preto	208,20	195,61	6,44	179,60	15,92
Paraná		215,06	205,65	4,58	182,77	17,67
Rio Grande do Sul		230,92	198,11	16,56	209,35	10,30

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab/Deral (PR); Conab (MS, BA, SP, GO e RS) - Ago. /2023.

No último mês, presenciamos uma queda bastante abrupta nos preços pagos aos produtores catarinenses de feijão-carioca. O aumento da oferta pelo término da colheita do feijão de segunda safra fez com que o mercado reagisse negativamente com relação a preços. Podemos observar, no gráfico, que os preços do carioca ficaram abaixo do preto, o que não tinha sido observado na safra anterior relativamente ao mesmo período. Enquanto isso, o feijão-preto teve um incremento mensal importante, invertendo a trajetória de queda observada nos meses anteriores. Apesar das diferenças de preço, ambos os tipos de feijão apresentam uma tendência de queda de preços ao longo da série analisada.

Um aspecto que muito tem contribuído para a queda dos preços pagos aos produtores é a baixa procura pelo produto. A cada ano que passa, os brasileiros estão perdendo o hábito de comer feijão diariamente. As mudanças culturais e os hábitos de vida modernos da sociedade têm privilegiado opções de alimentação à base de produtos ultraprocessados, em detrimento de alimentos *in natura*, preparados nos domicílios familiares.

Outra informação que, por sua importância, merece atenção é a dos dados revelados pela POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) do IBGE. Na comparação dos dados de 2017/18 com os de 2008/09, a frequência de consumo de feijão variou de 72,8% para 60,0%, registrando uma redução de 17,6%, enquanto as preparações à base de feijão variaram de 3,0% para 12,0%. Contudo, mesmo somando feijão e preparações à base de feijão, a redução de consumo passou de 75,8% para 72,0%, ou seja, operou-se uma diminuição de 5,0% em nove anos.

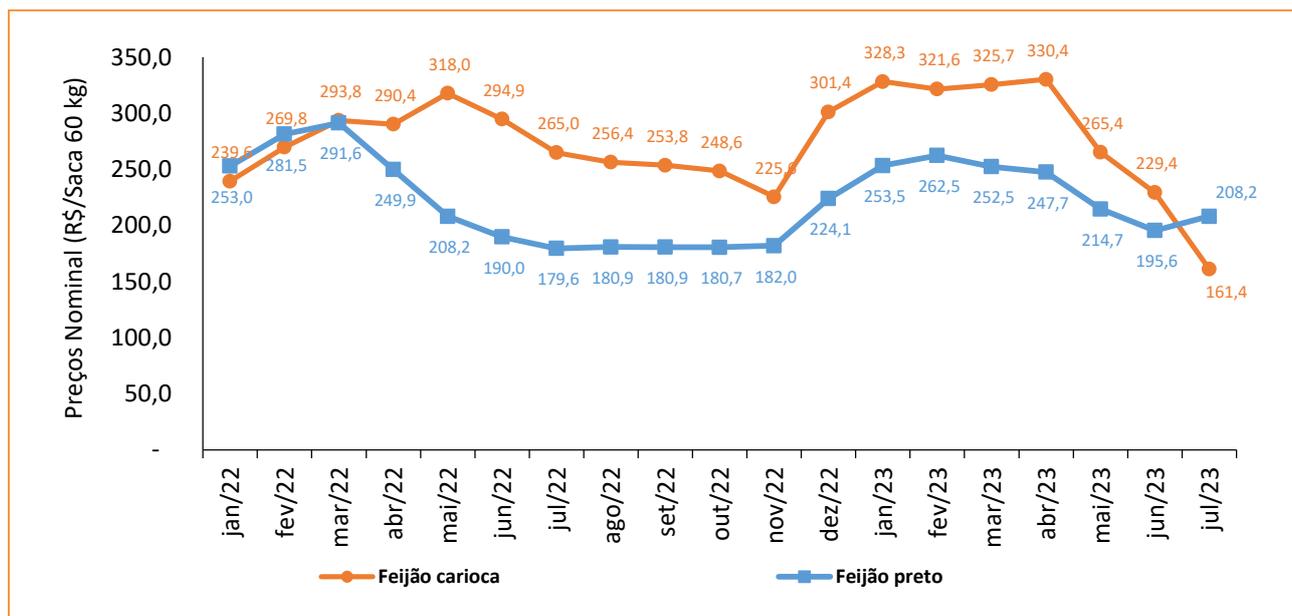


Figura 1. Feijão SC: evolução dos preços nominais pagos ao produtor de feijão-preto e feijão-carioca – jan./22 a jul./23

Fonte: Epagri/Cepa, ago. 2023.

Safra catarinense

Feijão total

Com a safra de feijão encerrada em todo o estado, registramos que a área plantada com feijão total (soma do feijão 1ª e 2ª safra), se reduziu em 11%. Por outro lado, a produtividade subiu 22%, resultando num aumento da produção de 9% em relação à produção da safra anterior. Na atual, em função dos baixos preços verificados no início da safra (Figura 1), os produtores ficaram receosos de investir na atividade e optaram por reduzir suas áreas de plantio. Com isso, tivemos uma redução de plantio, tanto na primeira quanto na segunda safra em todo o estado.

Tabela 2. Feijão-total – comparativo de safra 2021/22 e estimativa da safra 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Safra 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	662	391	591	635	510	803	-4	30	36
Campos de Lages	7.940	11.846	1.492	7.970	15.344	1.925	0	30	29
Canoinhas	14.210	22.816	1.606	10.300	20.090	1.950	-28	-12	21
Chapecó	6.767	11.095	1.640	6.382	13.356	2.093	-6	20	28
Concórdia	289	101	350	285	256	898	-1	153	157
Criciúma	1.678	1.419	846	1.540	1.613	1.047	-8	14	24
Curitibanos	4.040	6.075	1.504	2.476	5.397	2.180	-39	-11	45
Florianópolis	-	-	-	15	15	1.000	-	-	-
Ituporanga	2.237	3.233	1.445	2.010	3.018	1.501	-10	-7	4
Joaçaba	2.807	2.996	1.067	2.820	5.922	2.100	0	98	97
Rio do Sul	1.269	1.634	1.288	1.273	1.612	1.267	0	-1	-2
São Bento do Sul	820	1.282	1.563	750	1.296	1.728	-9	1	11
São M. do Oeste	2.859	4.137	1.447	2.335	4.362	1.868	-18	5	29
Tabuleiro	-	-	-	330	355	1.076	-	-	-
Tijucas	-	-	-	190	271	1.426	-	-	-
Tubarão	1.783	1.401	786	1.330	1.361	1.023	-25	-3	30
Xanxerê	19.821	36.143	1.823	19.267	38.981	2.023	-3	8	11
Santa Catarina	67.182	104.569	1.557	59.908	113.758	1.899	-11	9	22

Fonte: Epagri/Cepa, ago. /2023.

Em relação à safra nacional, segundo dados da Conab, a safra 2022/23 deverá disponibilizar ao mercado um volume médio de produção estimado em 3,07 milhões de toneladas, 2,5% a mais que na temporada anterior. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento, este volume de produção, partindo-se de um estoque inicial de 208,7 mil toneladas e de um consumo em torno de 2,85 milhões de toneladas, de importações em 100 mil toneladas e exportações em 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 374,6 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Fernando Vieira de Luca
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
fernandoluca@epagri.sc.gov.br

Evolução dos preços

No estado, os preços ao produtor apresentaram uma elevação de 1,2% nos preços médios mensais em relação ao mês de junho, quebrando uma sequência de queda desde janeiro (Figuras 1 e 2). No entanto, nos estados maiores produtores da segunda safra, o recuo nos preços continuou em julho. No Mato Grosso, o maior produtor nacional, esse recuo foi maior - 4% - em função do andamento da colheita da segunda safra. Os fatores que atuam neste sentido são:

- safra 2022-23 recorde, com estimativa elevada para 129,9 milhões de toneladas (MT)² na produção total nacional, fato que se reflete na pressão da oferta no mercado interno;
- Outros fatores atuaram no período, as condições da atual safra dos EUA, o câmbio, juros praticados movimentam os fundos de investimentos das commodities e as Bolsa Chicago e B3;
- Os fatores que podem reverter o atual quadro de baixa dos preços: o bloqueio das exportações da Ucrânia pela Rússia e, a possibilidade de as exportações do cereal pelo Brasil em agosto alcançarem volumes próximo a 10 milhões de toneladas, o que traz uma expectativa de elevação dos preços no mercado interno no segundo semestre.

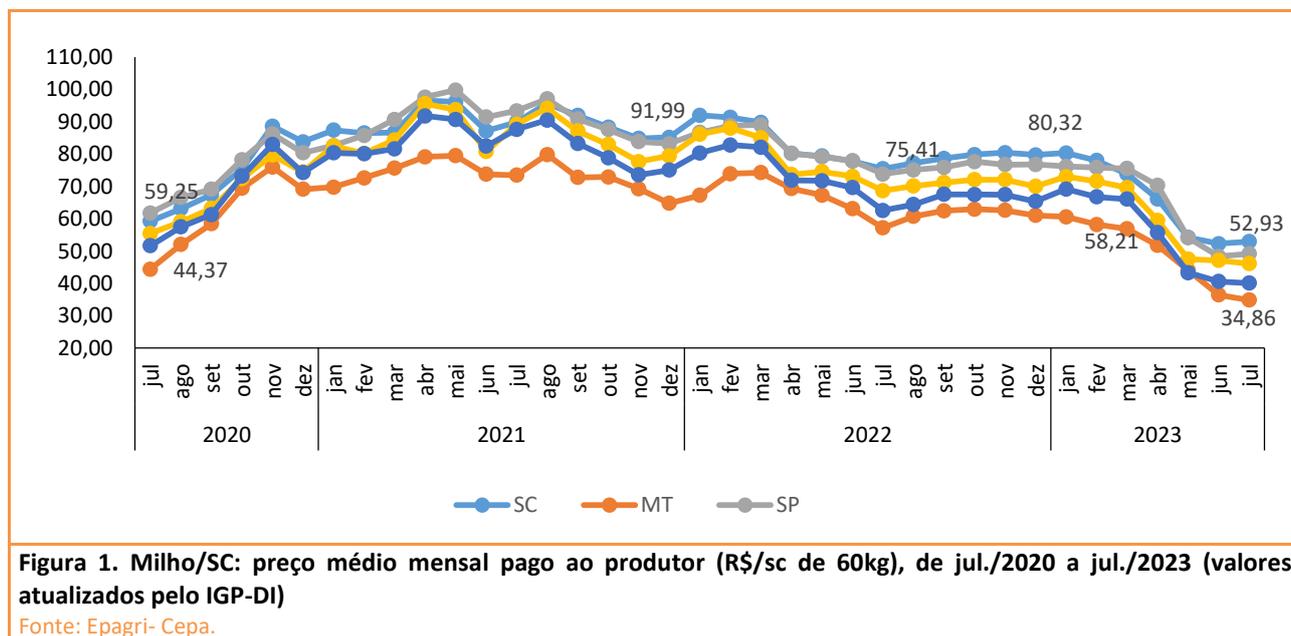
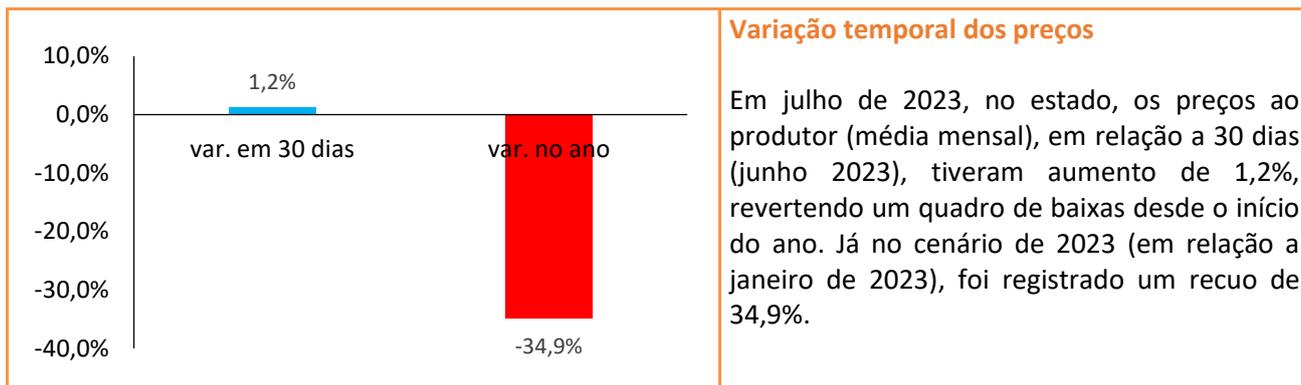


Figura 1. Milho/SC: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg), de jul./2020 a jul./2023 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa.

² Conab | Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos | v. 10 – safra 2022/23, n° 10 – nono levantamento | julho 2023.



Variação temporal dos preços

Em julho de 2023, no estado, os preços ao produtor (média mensal), em relação a 30 dias (junho 2023), tiveram aumento de 1,2%, revertendo um quadro de baixas desde o início do ano. Já no cenário de 2023 (em relação a janeiro de 2023), foi registrado um recuo de 34,9%.

Figura 2. Milho/SC: preços ao produtor (média mensal, base julho/23), em relação a 30 dias (jun. 23) e (jul de 2022)

Fonte: Epagri- Cepa.

Estimativas/previsibilidade da produção das safras

A Epagri/Cepa realiza o acompanhamento das safras desde 2012/2013. Fazem parte desse acompanhamento as estimativas no início de cada safra e a atualização mensal das informações de área, produção e rendimento de 25 produtos que integram o Sistema de Produção e Mercados (SPM). Todas as informações geradas são apresentadas no InfoAgro, que é uma tecnologia informacional da Epagri, através da qual são disponibilizados os dados do acompanhamento de safra em âmbito municipal, regional, e reunidas em visão estadual. As informações permitem análises da evolução de área plantada e produção, aliadas à conjuntura de mercado. Em relação à estimativa inicial da produção estadual de cada produto, verifica-se, no caso do milho, que as variações entre o prognóstico inicial e final foram relativamente baixas - cerca de 5% na média desde a safra 2012/13. No entanto, nas safras 2020-21 e 2021-22, a diferença ultrapassou os 10% em função da estiagem prolongada nestas safras, que afetou de maneira significativa o rendimento em várias regiões do estado. Contudo, a assertividade foi elevada, quando avaliado o período das últimas 11 safras, conforme está apresentado na figura 3.

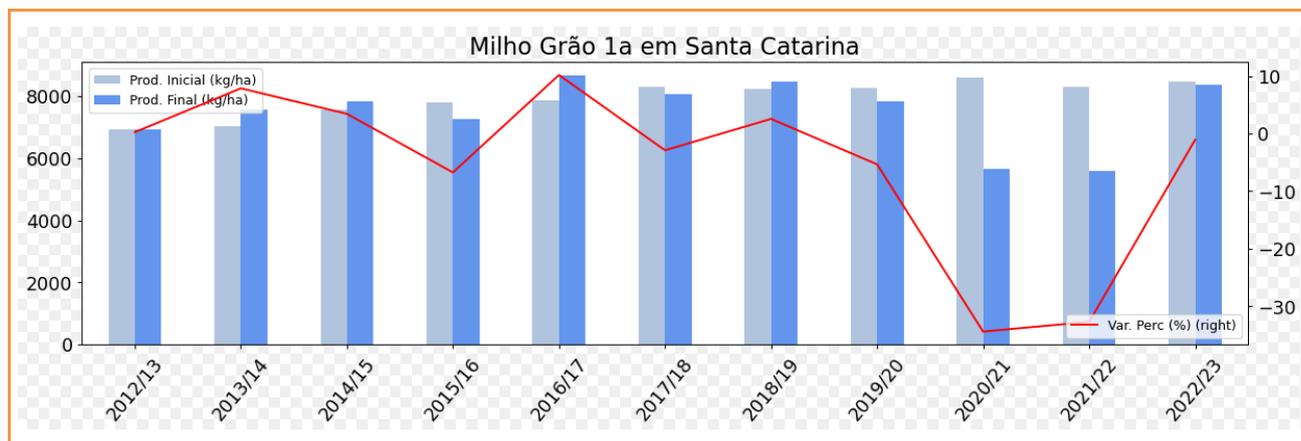


Figura 3. Milho/SC: Estimativa da produtividade inicial e final em cada safra, de 2012 a 2023

Fonte: Epagri- Cepa. Sistema de Acompanhamento de Safra.

Equivalência soja x milho

A relação de preços soja/milho se constitui num dos condicionantes na decisão do próximo plantio pelos produtores. Em 2022, em média, a relação estava em torno de 2, 0:1, ou seja, duas sacas de milho equivaliam a uma de soja, relação favorável ao milho. No entanto, os preços do milho tiveram uma forte redução desde o início do corrente ano, superior a 30%, por conta da conjuntura da safra recorde no Brasil e do mercado externo. Assim, em julho de 2023 esta relação ultrapassou a 2,3:1, índice favorável à soja (Figura 4). Por causa disso, o produtor está reticente em manter a mesma área de produção do cereal para

a safra de 2023/24. Apesar de os preços estarem baixos no momento (em relação a anos anteriores), existem, contudo e a médio prazo, fatores favoráveis ao mercado do milho:

- aumento significativo do consumo do cereal no Brasil para a produção de etanol;
- expectativa de que as exportações brasileiras alcancem neste ano volumes superiores a 50 milhões de toneladas;
- continuidade da turbulência no mercado internacional com a Guerra Rússia e Ucrânia.

As safras de Estados Unidos e China ainda não estão definidas, já que as condições climáticas podem alterar a produção global prevista para 2023. O mercado do milho é complexo e dinâmico, sendo afetado por uma série de fatores, que se podem modificar ao longo do tempo, gerando um quadro mais positivo para o produtor.

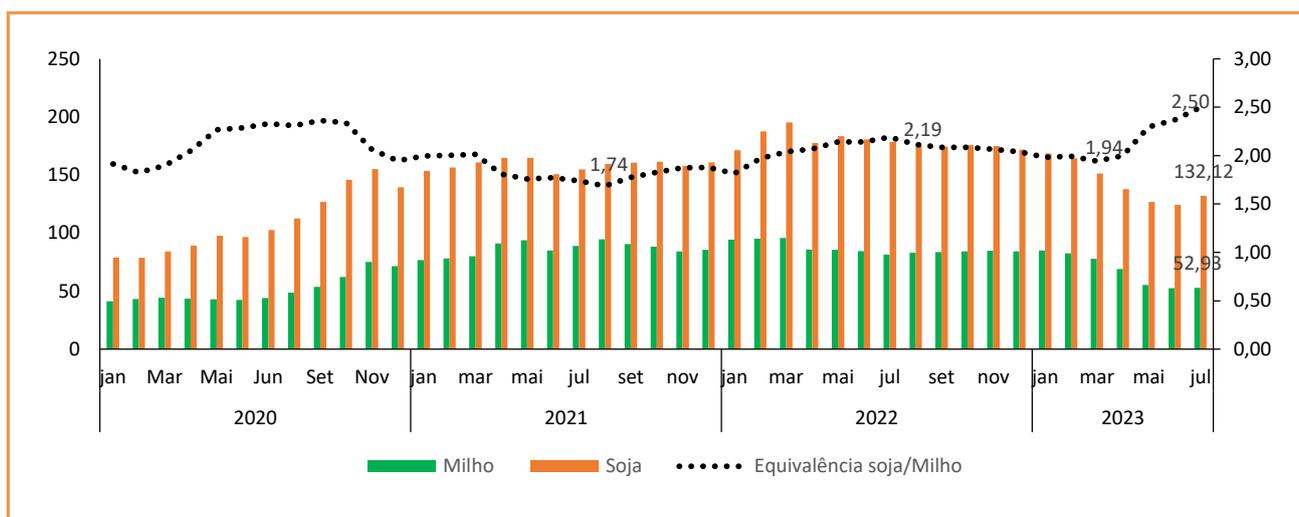


Figura 4. Milho/SC: Equivalência de preços ao produtor da soja: milho, de 2020 a 2023

Fonte: Epagri- Cepa.

Safra estadual 2022/23 - Milho total

A Epagri/Cepa fechou a safra 2022/23 com a área cultivada para milho total alcançando 351.509 hectares (primeira e segunda safra). Na primeira, a área apresentou redução em cerca de 150 mil hectares desde 2012, mas mantendo-se estabilizada nas últimas quatro safras. Quanto à segunda, cujo acompanhamento se iniciou em 2015, foram registrados 30.246 hectares. Na safra atual, a produção total foi de 2,88 milhões de toneladas, o que representa recuperação frente às duas safras anteriores (Figura 5).

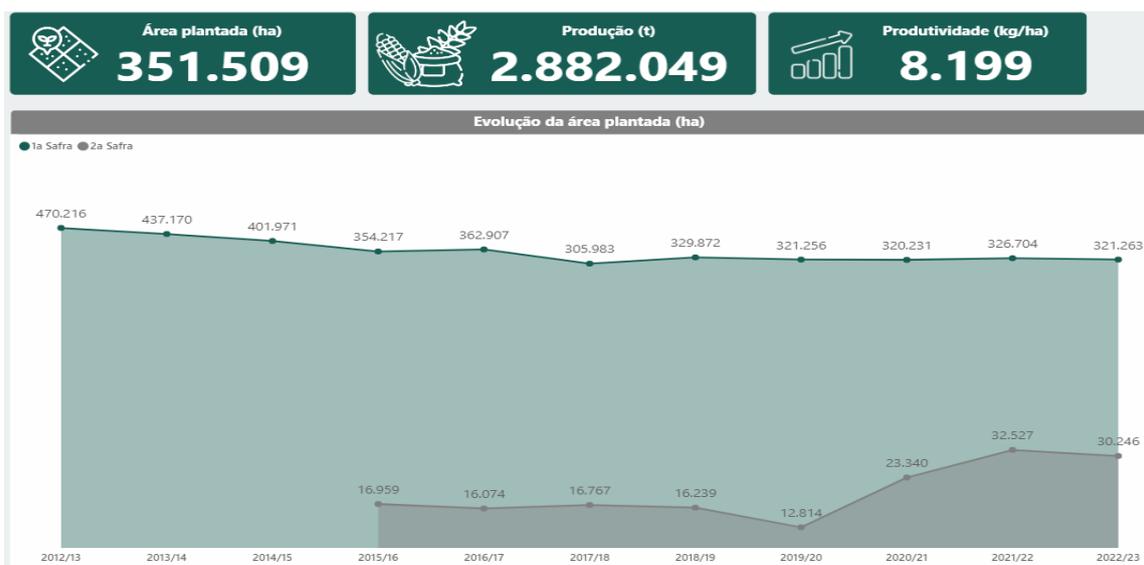


Figura 5. Milho/SC: evolução da área cultivada de milho na primeira e segunda safra, de 2012/23 a 2022/23

Fonte: Observatório Agro Catarinense – Epagri/Ceapa.

Estimativas da produção nacional:

Julho (quadro superior) e agosto (quadro inferior)

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.156,6 mil ha +2,7%	5.767 kg/ha +10%	127.767 mil t +12,9%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.196 mil ha +2,9%	5.855 kg/ha +11,7%	129.961,6 mil t +14,9%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Produção nacional na safra 2022/23

Com o aumento de 2,9% na área cultivada em relação à safra anterior, a Conab atualizou a estimativa da produção total para 129,9 milhões de toneladas na atual safra, elevação da ordem de 14,9% sobre a safra passada e mais de 2 (dois) milhões de toneladas em relação ao relatório anterior. Com o avanço da colheita, a produtividade foi atualizada e resultou no aumento da produção total.

Figura 6. Milho/SC: Estimativas da área, produtividade e produção nacional

Fonte: Conab. Boletim agosto, 2023.

Produção Global

Nos últimos três anos, a produção global superou o consumo em dois deles, recuperando parte dos estoques finais. A estimativa do consumo mundial do cereal permanece semelhante ao ano anterior. Estas informações do USDA, tem forte influência no mercado internacional.

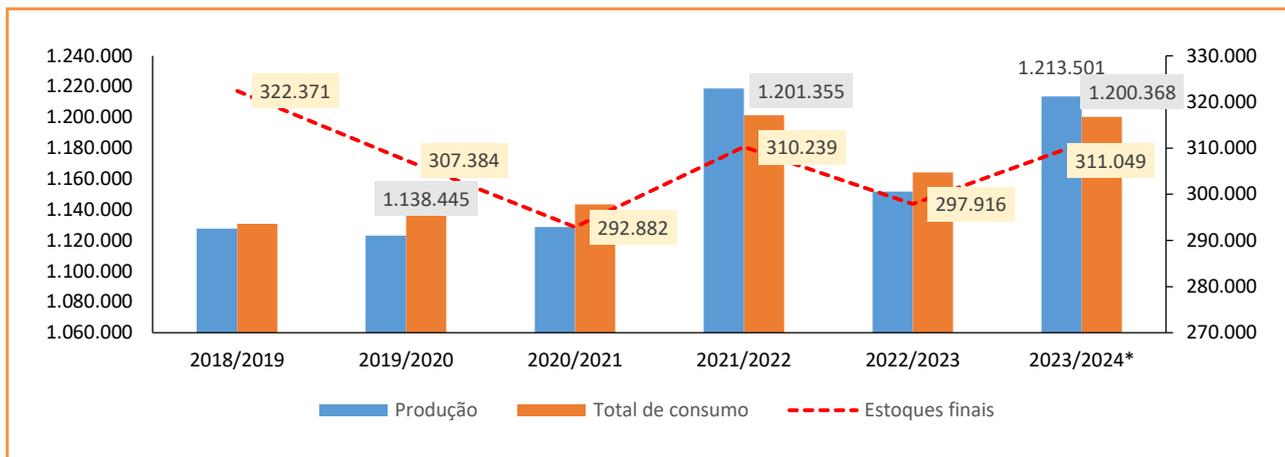
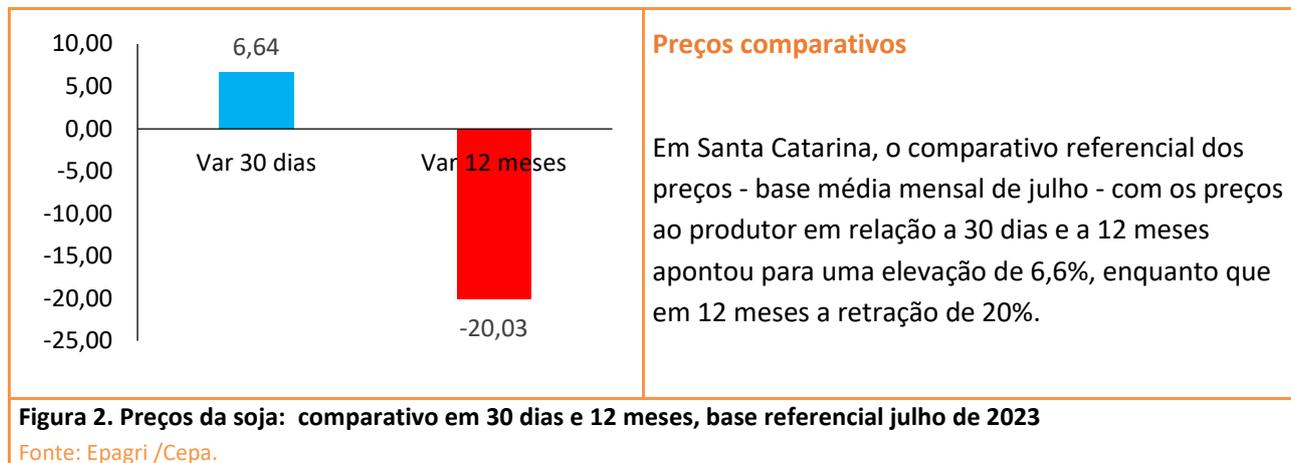


Figura 7. Milho/Global: evolução da produção, consumo e estoques finais, de 2018/19 a 2023/2024

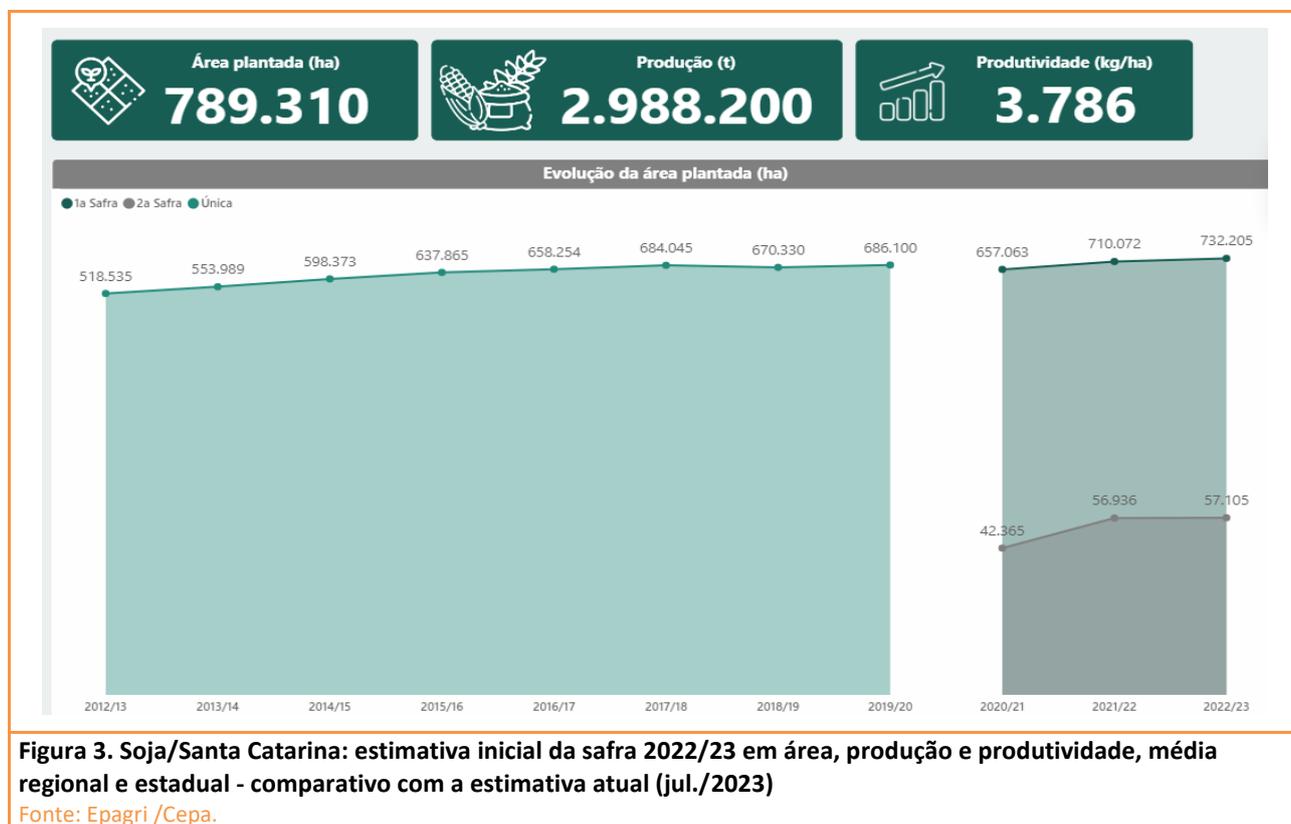
Fonte: Estimativa do USDA, agosto, 2023.

janeiro a julho de 2023, saiu dos portos brasileiros 1,6 milhão de toneladas de óleo de soja; de acordo com a Secex, um recorde. Em conjunto, esses fatores estão pressionando os preços do cereal para cima.

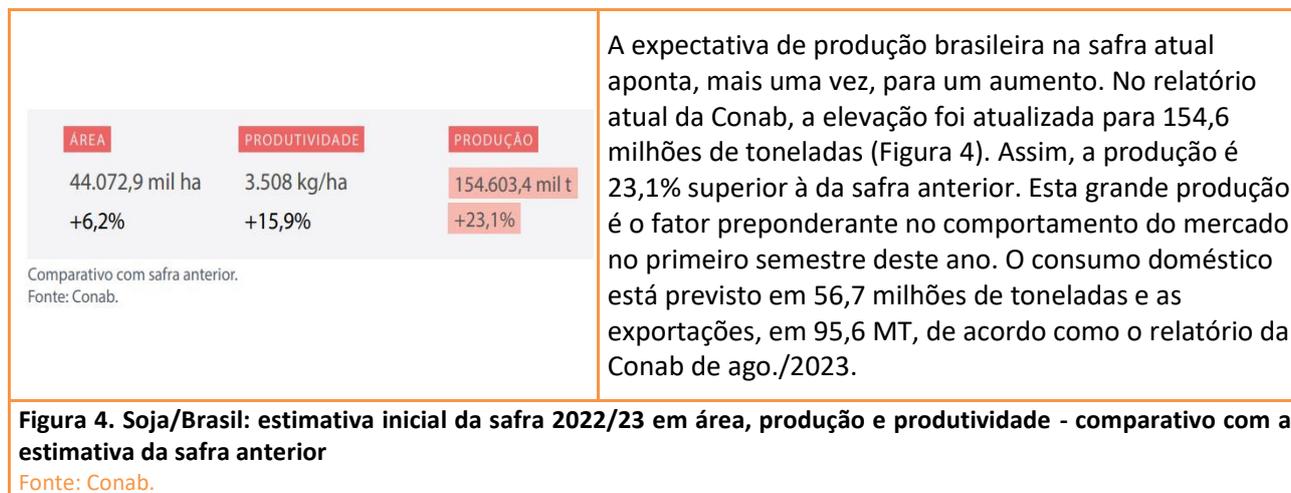


Produção estadual

O total da oleaginosa produzida no estado apresentou um crescimento contínuo na última década. No período avaliado (2013-2023), a área cresceu mais de 200 mil hectares. Desde a safra de 2020/21, iniciou-se o monitoramento em separado (primeira e segunda safra). Na primeira delas, a que encerrou o período 2022/23, a área cultivada foi de 732 mil hectares, enquanto na segunda foram 57 mil hectares, totalizando 789 mil hectares, que resultaram em uma produção de 2,98 milhões de toneladas. A safra é considerada a maior da série histórica do estado.



Produção Nacional



Produção e mercado mundial

O relatório do Usda⁶ atualizou a estimativa de produção global de soja para a safra 2023/24 (Figura 5): o registro de 410,7 milhões de toneladas em junho passou para 402,7 MT no atual relatório (agosto, 2023). A produção dos Estados Unidos, no relatório de agosto, foi rebaixada em 2,55 milhões de toneladas. Nesse mesmo documento, destacam-se as importações de soja pela China. Os Estados Unidos vêm recuperado algumas participações de mercado desde 2019/20, mas o Brasil continua a dominar as exportações para a China. Neste mês, o Usda elevou as importações de soja da China 2022/23 (out./set.) para um novo recorde - 100,0 milhões toneladas. O Brasil participa com 59% do mercado chinês, enquanto os Estados Unidos chegam a 30%. Espera-se que as importações pela China (maior comprador mundial) continuem altas no último trimestre do ano.

Tabela 1. Soja/mundial: estimativa da produção dos principais produtores das safras 2021/22, 2022/23 a 2023/24¹, 2023/24² (*estimativas USDA de julho e agosto de 2023)

Países	Safras				Variação (%)
	21/22	22/23	23/24 ¹	23/24 ²	
Brasil	130,5	156	163,0	163,0	0,0
EUA	121,53	116,38	117,0	114,45	-2,20
Argentina	43,90	25,00	48,0	48,00	0,00
China	16,40	20,28	20,5	20,50	0,00
Índia	11,89	12,04	12,00	12,00	0,00
Paraguai	4,18	9,05	10,00	10,00	0,00
Demais	31,75	30,99	34,78	34,83	0,00
Mundo	360,15	369,74	405,31	402,79	-0,6%

Fonte: USDA, 2023.

⁶ Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA 20, aug. 2023.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio recebido pelos produtores de trigo catarinense continuou em queda no mês de julho. A queda, entre junho e julho, foi de 0,24%, fechando a média mensal em R\$ 69,95/sc de 60 kg. Na comparação anual, em termos nominais, os preços recebidos em julho deste ano estão cerca de 35% abaixo dos registrados no mesmo mês de 2022. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal foi de R\$ 65,88/sc de 60 kg, alta de 1,84% frente ao de junho de 2023, e queda de aproximadamente 42% na comparação com os preços de julho de 2022. O preço médio do trigo no mercado-balcão do Paraná, para o mês de julho, foi de R\$ 66,47/sc de 60 kg, discreta alta de 0,2% frente ao preço médio de junho de 2023.

Tabela 1. Trigo-grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jul./23	Jun./23	Variação mensal (%)	Jul./22	Variação anual (%)
Santa Catarina	69,95	70,12	-0,24	107,59	-34,98
Paraná	66,47	66,34	0,20	109,66	-39,39
Mato Grosso do Sul	64,00	63,89	0,17	103,67	-38,27
Goiás	78,75	90,09	-12,59	125,71	-37,36
Rio Grande do Sul	65,88	64,69	1,84	113,42	-41,92

Nota: Trigo-pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral/Seab (PR); Conab (MS, GO e RS), ago. / 2023.

Com uma boa oferta de trigo nacional no mercado interno e uma baixa procura pelo trigo brasileiro no mercado internacional, os preços ofertados aos produtores de trigo continuam em baixa. Podemos verificar que o preço da saca vem caindo desde julho de 2022; ao mesmo tempo, no mercado internacional, os preços oscilaram bastante nesse período, ora por questões de câmbio, ora por retração dos países exportadores, principalmente por conta do cenário de insegurança alimentar devido à guerra entre Rússia e Ucrânia (Figura 1).

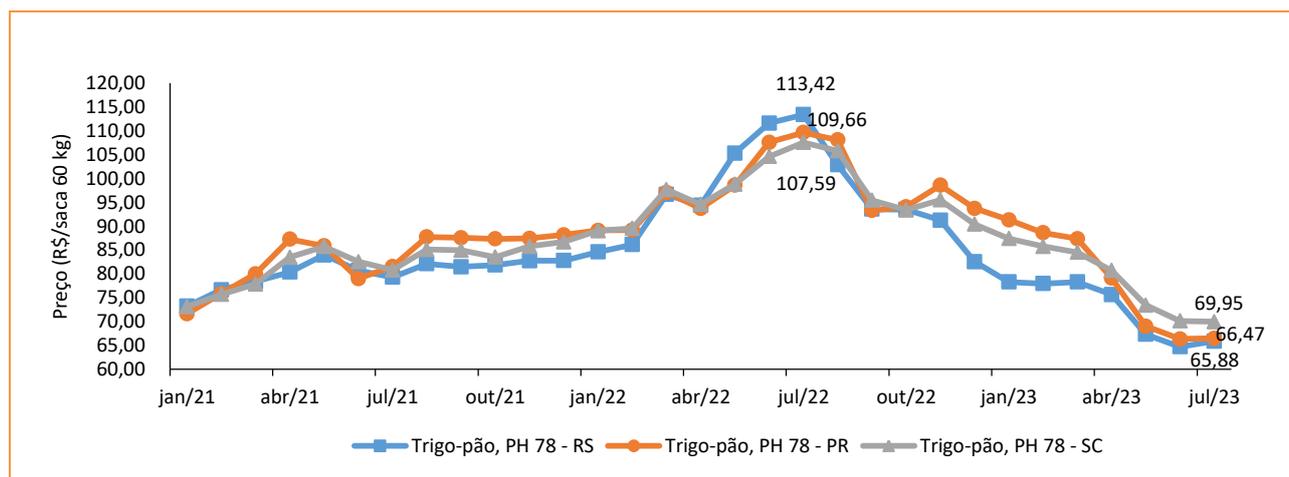


Figura 1. Evolução dos preços recebidos pelos produtores – jan./2021 a jul./2023

Fonte: Epagri/Cepa, ago. / 2023.

As estimativas norte-americanas para abastecimento e demanda agrícola mundiais, elaboradas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (WASDE/Usda), são de redução, em relação ao ano passado, na produção no trigo de primavera estadunidense. Por outro lado, a previsão é de que a produção de inverno seja maior, pela projeção de aumento da área plantada e da produtividade. Com dois anos

consecutivos de safras de trigo de inverno (Hard Red Winter - HRW) afetadas pela seca, os estoques finais foram reduzidos ao nível mais baixo em 16 anos. Em função da baixa oferta e da baixa qualidade do trigo de inverno, o Usda prevê que o uso do trigo HRW para alimentação será o menor desde 2010/11; as exportações, por sua vez, são as mais baixas desde o início do registro da série histórica, que começou em 1973/74.

Em nível mundial, até o mês de julho, a perspectiva global do WASDE/Usda para a safra de trigo 2023/24 é de oferta reduzida, de aumento do consumo e de redução das exportações mundiais. A produção deverá ser menor, principalmente na UE, na Argentina e no Canadá, compensada apenas parcialmente por aumentos nos Estados Unidos e Paquistão. A seca em curso na Europa diminui as estimativas de produtividade, principalmente na Alemanha, na Espanha, na França e na Itália. Condições de seca no Canadá também diminuem suas estimativas de produção. Na Argentina, as estimativas de área plantada foram revisadas para baixo, ficando em cerca de 17,5 milhões de toneladas.

Com isso, a projeção do quadro global de oferta e demanda (Tabela 2) estima exportações mundiais de 211,66 milhões de toneladas, redução de 2,56% em relação à estimativa da safra passada. O consumo mundial projetado aumentou para 799,45 milhões de toneladas, principalmente devido ao aumento da alimentação e ao uso residual na China, onde as chuvas na colheita, especialmente na província de Henan, degradaram a qualidade do trigo para uso alimentar. Os estoques mundiais projetados para a safra 2023/24 foram reduzidos para 266,53 milhões de toneladas, o quarto declínio anual consecutivo.

Tabela 2. Trigo-grão – Quadro mundial de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2021/22	284,08	781,05	199,39	1.264,52	792,52	202,85	272,60
2022/23*	272,60	790,20	210,47	1.273,27	793,49	217,17	269,31
2023/24**	269,31	796,67	207,96	1.273,94	799,45	211,62	266,53

Legenda:(*) estimativa. (**) projeção.

Nota: Estimativa em jul./2023.

Fonte: WASDE/USDA, ago./ 2023.

Safra Catarinense

Na análise regional para o mês de julho, muitas lavouras implantadas nas MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão já alcançaram a fase de floração. O baixo volume de chuvas registrado nas últimas semanas de julho e início de agosto favoreceu a execução dos tratamentos culturais necessários a esta fase do desenvolvimento das plantas. O clima estável também contribuiu para a emergência das plantas nas áreas semeadas mais tarde, bem como, de um modo geral, favoreceu o desenvolvimento vegetativo da cultura.

Nas MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, as condições climáticas foram bastante favoráveis durante o mês de julho, com as operações de plantio encerradas, as lavouras de trigo apresentando boa germinação e bom desenvolvimento vegetativo. Diferentemente das principais regiões produtoras do estado, a região do planalto norte catarinense apresentou redução de área plantada nesta safra.

Da mesma forma, nas MRG's de Concórdia e Joaçaba, o tempo estável em toda a região permitiu que as plantas avançassem na fase de desenvolvimento vegetativo. Na avaliação dos técnicos que ali operam, as lavouras são consideradas em boas condições, com exceção de algumas áreas, que, de forma pontual, foram prejudicadas por excesso de chuvas. De maneira geral, os produtores seguem realizando os tratamentos culturais para o período, como eliminação de plantas daninhas e adubação nitrogenada.

Já nas MRG's de Curitiba e Campos de Lages, os produtores conseguiram encerrar as operações de plantio apesar das chuvas no final de julho, bem como realizaram os tratamentos culturais para as áreas

semeadas um pouco mais cedo. De forma geral, lavouras germinadas desenvolvem-se normalmente. Não há registros relacionados a doenças.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste, o clima estável das duas últimas semanas de julho contribuiu para o bom desenvolvimento da cultura. O clima frio e a presença do sol contribuíram para seu bom perfilhamento. Produtores seguem com boas condições para realizar as adubações nitrogenadas em cobertura. Um pequeno percentual da área plantada já alcançou a fase de maturação, principalmente em áreas plantadas muito cedo. As maiores partes da área, porém, encontram-se entre a fase de desenvolvimento vegetativo e a de floração.

Em todo o estado, até a última semana de julho, cerca de 94% da área destinada ao plantio de trigo nesta safra encontrava-se em fase de desenvolvimento vegetativo e 6% já havia alcançado a fase de florescimento. O tempo bom tem favorecido o desenvolvimento das lavouras. Com relação às suas condições, 99,5% delas foram avaliadas como boas e somente 0,5% como em condição média. Na comparação com a safra passada, nossas estimativas apontam para uma redução de 2% na área plantada. A produtividade deve permanecer praticamente a mesma, com um pequeno incremento de 1%. Com isso, a previsão é de uma safra um pouco menor - uma redução de 1% no volume de produção.

Tabela 3. Trigo-grão – Comparativo entre a safra 2022/23 e estimativa da safra 2023/24

Microrregião	Safra 2022/23			Estimativa safra 2023/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá				360	1143	3.175			
Campos de Lages	8.380	33.868	4.042	6.500	25.860	3.978	-22	-24	-2
Canoinhas	27.100	91.130	3.363	21.800	77.070	3.535	-20	-15	5
Chapecó	27.880	85.940	3.082	30.824	95.812	3.108	11	11	1
Concórdia	3.455	13.106	3.793	3.710	13.182	3.553	7	1	-6
Criciúma				580	1.853	3.195			
Curitibanos	24.680	103.704	4.202	23.240	96.732	4.162	-6	-7	-1
Ituporanga	3.660	7.704	2.105	2.715	6.258	2.305	-26	-19	10
Joaçaba	9.580	36.576	3.818	10.560	39.504	3.741	10	8	-2
Rio do Sul	1.990	4.453	2.238	1.465	3.452	2.356	-26	-22	5
São Bento do Sul	1.150	3.610	3.139	800	2.680	3.350	-30	-26	7
São M. do Oeste	8.615	25.237	2.929	9.692	28.884	2.980	13	14	2
Tubarão				490	1.584	3.232			
Xanxerê	23.210	76.462	3.294	23.930	82.116	3.432	3	7	4
Santa Catarina	139.700	481.790	3.449	136.666	476.130	3.484	-2	-1	1

Fonte: Epagri/Ceapa, ago. /2023.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

A produção de alho no Brasil incorporou avanços tecnológicos nos últimos anos com reflexos positivos no desempenho produtivo da hortaliça. O incremento de novas tecnologias, especialmente nas regiões do Cerrado Mineiro e Goiano, associado a especialização dos produtores contribuiu para a elevação da produção nacional.

Mercado e preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada na cidade de São Paulo, o alho-roxo-nobre nacional, classe 5, iniciou o mês de julho a R\$ 17,36/kg, redução de 1,19% em relação ao início do mês de junho. O alho classe 6 iniciou o mês com preço de R\$ 20,28/kg, aumento de 2,63%, e o alho classe 7, a R\$ 24,06/kg, aumento de 4,51% em relação ao início do mês de junho. O mês de julho fechou com redução nas cotações: o alho classe 5 foi comercializado a R\$ 17,31/kg, redução de 2,09% relação ao início do mês. O alho classe 6 foi comercializado a R\$ 19,10/kg, redução de 8,70%, e o alho classe 7 foi comercializado a R\$ 20,83/kg, redução de 10,29% no mês.

O mês de agosto se iniciou com redução nas cotações para o alho-roxo nacional. Na primeira semana do mês, o alho classe 5 foi comercializado a R\$ 15,93/kg, redução de 5,90% em relação ao início de julho. O alho classe 6 foi comercializado a R\$ 18,16/kg, redução de 2,63%, e o alho classe 7, a R\$ 19,78/kg, redução de 4,21% em relação ao início do mês de julho.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho-nobre nacional permaneceu com relativa estabilidade no mês de junho. O alho classes 4 e 5 foi comercializado a R\$ 14,00/kg e o alho classes 6 e 7, a R\$ 16,50/kg na primeira quinzena do mês, e a 18,00/kg na segunda quinzena.

No mês de junho, o alho importado classes 4 e 5 foi comercializado, no atacado, a R\$ 14,50/kg, passando para R\$ 15,50/kg na primeira semana de julho.

Produção

O plantio da safra de alho 2023/24, em Santa Catarina, seguiu em ritmo normal e já foi concluída.

Na figura 1, apresentam-se a evolução da produção de alho em Santa Catarina desde a safra 2018/19 até a safra 2022/23 e a estimativa inicial da safra 2023/24. Como pode ser observada, a área plantada com a cultura do alho vem perdendo espaço. Na safra 2018/19, o plantio foi de 2.406 ha, enquanto na atual safra a estimativa de plantio, atualizada no mês de julho pela Epagri/Cepa é de 995 ha, portanto, redução de 58,64% em relação à safra 2018/19. A produção esperada para a safra em desenvolvimento é de 10.797 toneladas e a produtividade esperada é de 10.821 kg/ha.

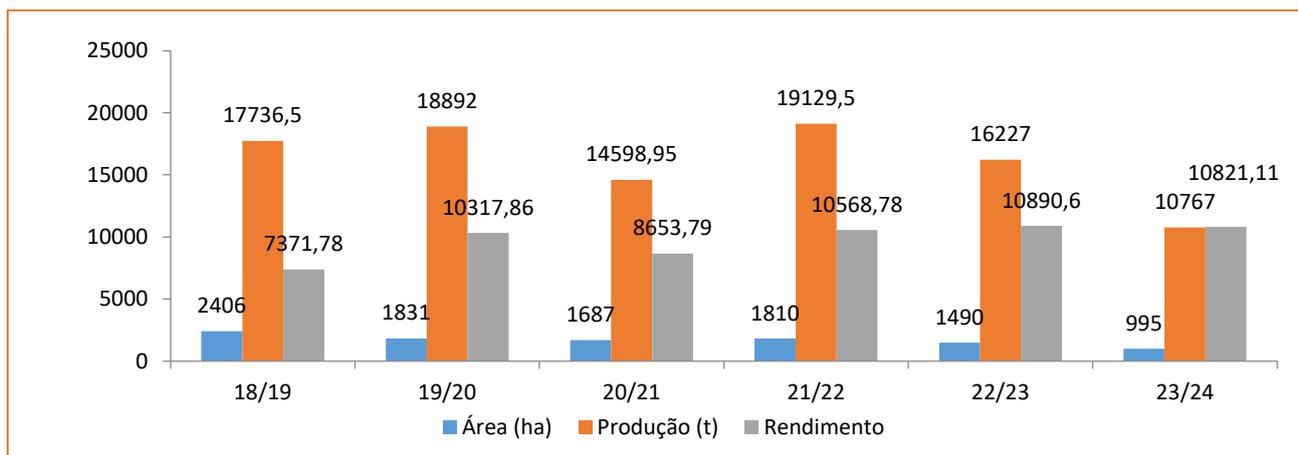


Figura 1. Alho – SC: área plantada, produção e rendimento das safras de 2018/19 a 2023/24*

Fonte: Epagri/Cepa.

Nota: *estimativa de julho.

Comércio exterior

Em julho próximo passado, foram importadas 6,60 mil toneladas de alho – redução de 39,39% em relação às do mês de junho, a menor quantidade para o mês desde o ano de 2019. A quantidade importada no primeiro semestre de 2023 é 4,52% menor que a importada no mesmo período do ano passado. Como pode ser observada, a importação de alho no ano de 2022 foi a menor dos últimos anos, em função do aumento da produção interna, do câmbio que dificultou a entrada de produção estrangeira, do alto custo do frete internacional e da boa aceitação do alho nacional pelo consumidor brasileiro (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2019 - jul./2023 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	6,21	2,09	1,93	5,38	18,38	119,66
2023	14,91	13,09	12,07	11,02	13,15	10,89	6,60	-	-	-	-	-	81,73

Fonte: Comexstat/ME (ago. 2023).

Com relação ao preço do alho importado no mês de julho, o preço médio (FOB) teve aumento em relação ao do mês passado. O preço foi de US\$ 0,98/kg, aumento de 8,9% em relação ao do mês de junho, quando foi de US\$ 0,90/kg (Figura 2).

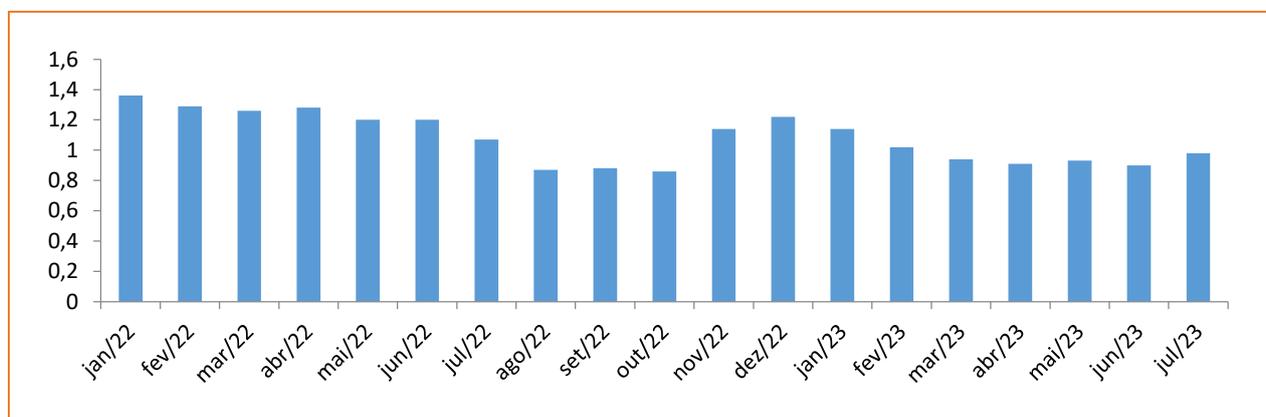


Figura 2. Alho - Brasil: preço médio (FOB) da importação (US\$/Kg) – jan./2022-jul./2023

Fonte: ComexStat/ME (ago. 2023).

Na Figura 3, apresentam-se a evolução da quantidade internalizada de alho e o desembolso mensal do Brasil - no ano de 2022 e de janeiro a julho de 2023. Em julho, a quantidade importada foi de 6,60 mil toneladas, com desembolso de US\$ 6,45 milhões (FOB).

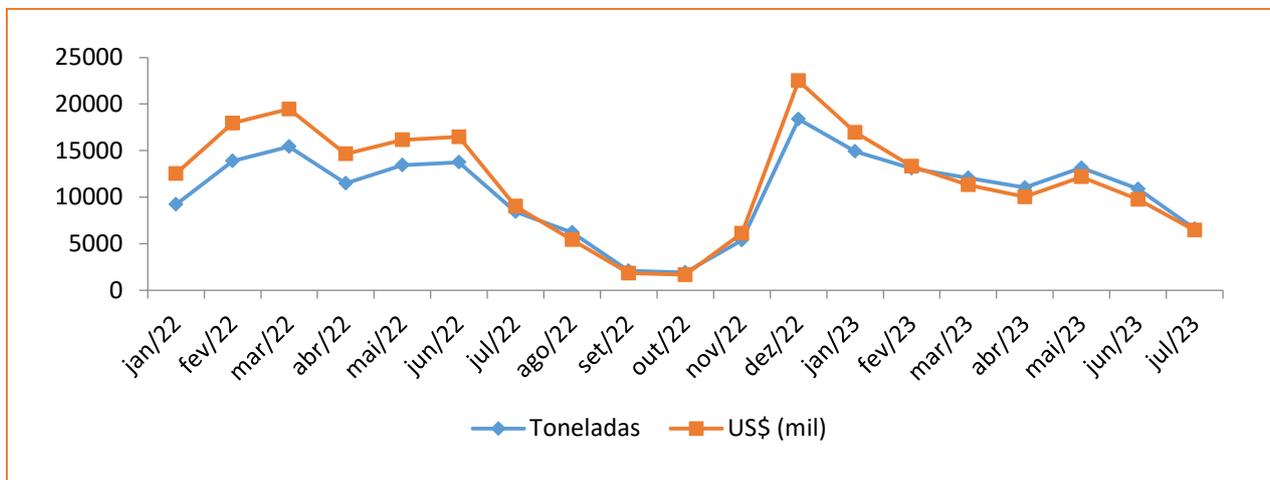


Figura 3. Alho - Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação em 2022 e jul./2023

Fonte: ComexStat/ME (ago. 2023).

Os fornecedores da hortaliça ao Brasil, no mês de julho, foram a Argentina - com 5,09 mil toneladas, perfazendo 77,11% da importação no mês; a China, com 0,40 mil toneladas, o equivalente a 6,33%; a Espanha, com 0,17 toneladas, equivalente a 2,59% e o Egito, com 0,85 mil toneladas, equivalendo a 12,93% e México e Peru com 69 toneladas ou 1,05% das importações (Figura 4).

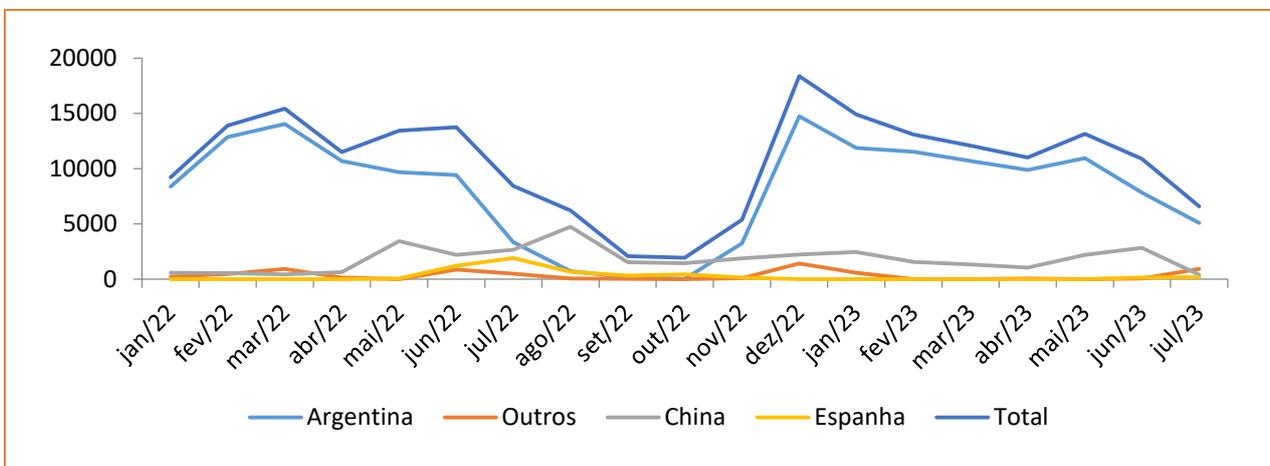


Figura 4. Alho: Brasil - participação dos principais países fornecedores - jan./2022 - jul./2023 (t)

Fonte: Comexstat/ME (ago. 2023).

A expectativa que se tinha no fechamento do boletim de junho de uma possível melhoria com aumento da área plantada no estado não se confirmou e pelo contrário, houve redução de 75 ha em Santa Catarina. Possivelmente, a preocupação com as previsões do fenômeno El Niño, previsto para o período de desenvolvimento da cultura pode ter influenciado a decisão dos produtores.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Os bons resultados da safra da cebola catarinense 2022/23 contribuíram para que os produtores catarinenses mantivessem bons investimentos em tecnologias para a nova safra. Nesse momento as atenções se voltam para o fenômeno do El Niño, que tem probabilidade de atuar no período de desenvolvimento da cultura.

Preços e mercado

Na Ceagesp/SP, o mês de julho se iniciou com o preço em R\$ 2,48/kg para a cebola-nacional média - redução de 7,80% em relação ao preço do início de junho, quando era de R\$ 2,69/kg. No decorrer do mês, as cotações se mantiveram estáveis, porém fechando o mês em R\$ 2,41/kg redução de 2,82% em relação ao início do mês. O mês de agosto se iniciou com nova redução nas cotações da hortaliça, cotada no dia 04/08 a R\$ 2,20/kg.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de julho se iniciou com preço no atacado a R\$ 3,00/kg, aumento de 20% em relação ao início do mês de junho, provocado principalmente pelo fim da oferta de cebola da safra catarinense. A partir da segunda quinzena, as cotações tiveram redução, fechando o mês a R\$ 2,75/kg.

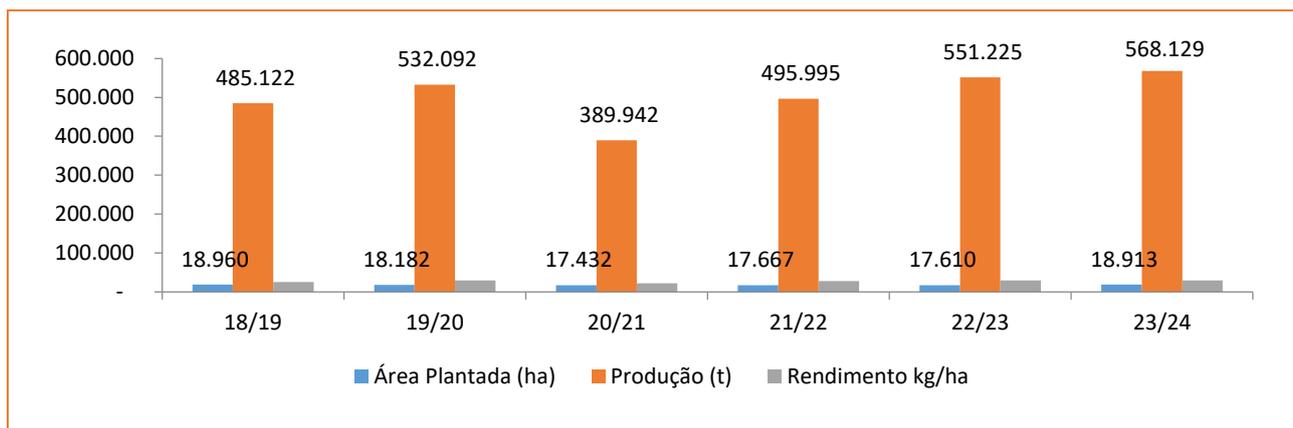
Em relação ao preço, no mês de julho nas regiões do Cerrado e Nordeste os produtores comercializaram a hortaliça com preços entre R\$ 2,30/kg e R\$ 2,50/kg.

Safra catarinense

Os dados da safra de cebola 2023/24, em Santa Catarina, atualizados no mês de julho pela Epagri/Cepa, são de manutenção das estimativas iniciais apresentadas no mês anterior, ou seja, aumento de 7,39% na área plantada, passando de 17.610 ha para 18.913 ha.

Em termos de distribuição da produção, a microrregião de Ituporanga permanece como a maior produtora, com 9.033 ha, responsável por 47,76% da área plantada, com uma produção esperada de 248.164 toneladas, equivalente a 43,68% do total. A microrregião da Serra do Tabuleiro, com plantio de 3.475 ha, o equivalente a 18,37% da área, tem uma produção esperada de 103.645 toneladas, o equivalente a 18,24% da produção catarinense. A terceira é a microrregião de Joaçaba, onde a área plantada deverá ser de 1.822 ha, ou 9,63%, e produção de 77.630 toneladas, perfazendo 13,66 % da produção. A microrregião de Rio do Sul, com área de 1.703 ha, equivalente a 9% e produção de 47.375 toneladas, ou 8,34 % da produção no estado. Nas demais microrregiões (Tijucas, Canoinhas, Curitibanos e Campos de Lages), o plantio foi de 2.880 ha, equivalente a 15,22% da área plantada, com a produção de 91.315 toneladas, ou 16,06% da produção catarinense. A produtividade média esperada é de 30.039 kg/ha, considerada uma produtividade normal e dentro das expectativas para a cultura no estado. A implantação da safra 2023/24 ocorre normalmente até o momento e já alcança 80% da área estimada para o estado.

A Figura 1 ilustra a evolução da cultura no estado, considerando área plantada, produção e produtividade das últimas seis safras da hortaliça, demonstrando, de forma geral, estabilidade na área plantada e aumento de produtividade em Santa Catarina.


Figura 1. Cebola – SC: área plantada – produção e produtividade – Safras 2018/19 a 2023/24

Fonte: Epagri/Cepa (ago./2023).

Importação

Em 2022, o Brasil importou 150.524 toneladas de cebola, correspondendo a um aumento de 28,70% em relação a 2021, quando foram importadas 116.961 toneladas. Nos primeiros sete meses de 2023, a importação foi de 109.361 toneladas, volume 15,03% menor que no mesmo período do ano passado (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2020 a julho de 2023 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.221	29.178	30.254	53.013	12.238	144	130	1.944	3.319	8.914	7.501	150.524
2023	1.380	2.385	13.243	27.884	37.148	21.743	5.578	-	-	-	-	-	109.361

Fonte: ComexStat/ME (ago./2023).

Na tabela 2, apresentam-se os principais países fornecedores da hortaliça nos anos de 2021, 2022 e de janeiro a julho de 2023, com os respectivos volumes (t) e valores (em US\$ - FOB).

Em 2021, das 116,9 mil toneladas importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, o que representa 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US\$ 0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US\$ 25,77 milhões (FOB). Em 2022, o volume importado foi de 150.524 toneladas, sendo a Argentina o principal fornecedor, seguida pelo Chile. O preço médio do ano foi de US\$ 0,27/kg (FOB) - aumento de 17,39% em relação ao preço médio do ano de 2021. Em 2023, de janeiro a julho foram importadas 109.361 toneladas, com desembolso de US\$ 22,40 milhões, e preço médio (FOB) de US\$ 0,205/kg - redução de 31,7 % em relação ao preço médio do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores de 2021 a junho de 2023

Países	2021		2022		2023	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	20.932,5	104.736,0	19.473,65	103.208,37
Chile	2.888,34	7.155	10.234,5	25.065,2	2.257,50	4.789,89
Países Baixos	3.161,48	8.767	5.077,9	11.576,3	619,72	1.153,00
Espanha	409,52	2.008	4.536,4	8.776,6	25,31	51,00
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0	0,00	0,00
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0	0,00	0,00
Peru	10,00	24	109,5	316	31,92	159,60
Estados Unidos	0,00	0,00	20,2	53,9	0,00	0,00
Total	25.774,83	116.961	40.911,0	150.524,0	22.408,10	109.361,86

Fonte: ComexStat/ME (jul. 2023).

Com relação ao volume importado e ao dispêndio de recursos no mês de junho, o Brasil importou 5,57 mil toneladas, com desembolso de US\$ 1,07 milhão, comportamento que se pode conferir no gráfico das importações abaixo (Figura 2).

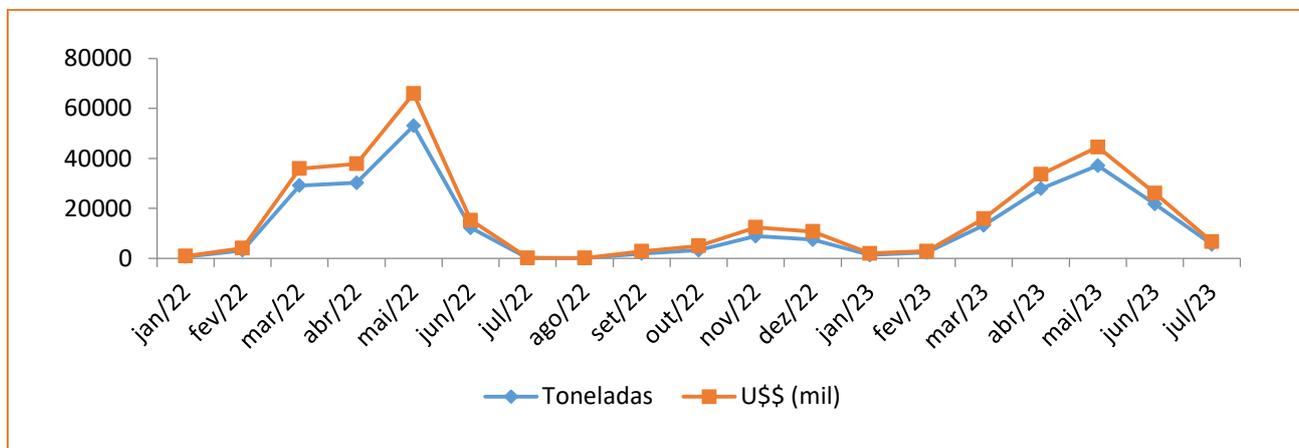


Figura 2. Cebola – Brasil: importação mensal - jan./2021 a jul./2023

Fonte: ComexStat/ME (ago./2023).

Com relação à origem do produto importado, todo o volume de importação de cebola do mês de julho teve origem na Argentina (Figura 3).

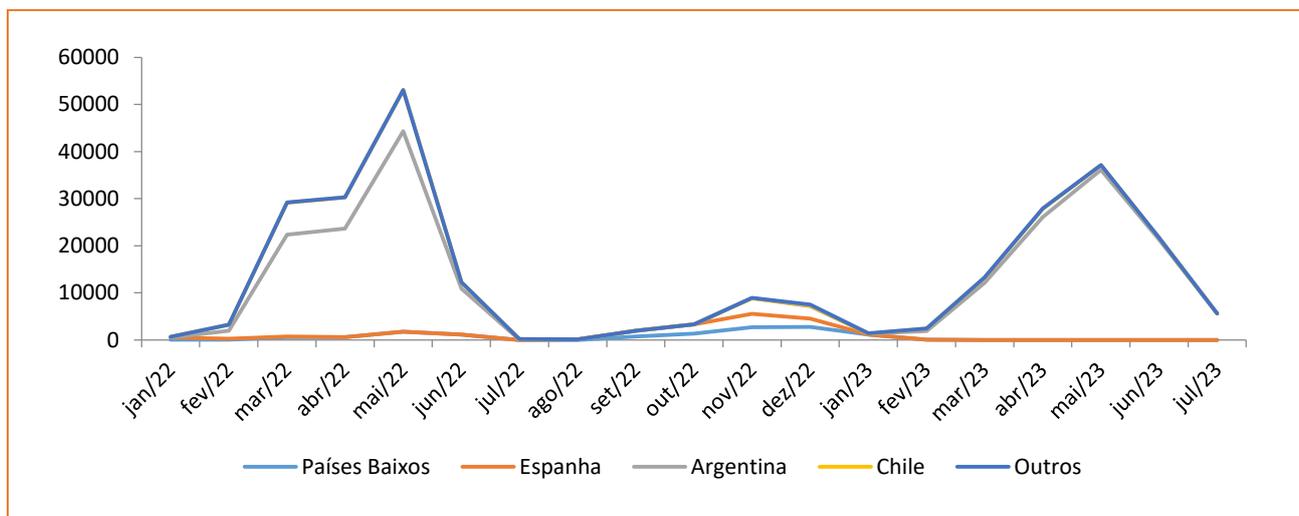


Figura 3. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan./2022 a jul./2023

Fonte: ComexStat/ME (ago./2023).

De acordo com informações levantadas pelo acompanhamento sistemático de safras da Epagri/Cepa junto aos parceiros informantes colaboradores, as perspectivas para a safra 2023/24 são consideradas positivas no estado pelo aporte e manutenção dos níveis tecnológicos das lavouras e redução de custos de produção puxados por menores preços de fertilizantes e agrotóxicos, principalmente.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de agosto, os preços do frango vivo, quando comparados aos do mês anterior, apresentaram movimentos distintos nos dois principais estados produtores: alta de 0,9% no Paraná e queda de 2,4% em Santa Catarina. Quando se comparam os valores atuais com os de agosto passado, registram-se quedas de 17,1% no Paraná e de 2,6% em Santa Catarina. Ressalta-se, contudo, que os resultados anteriores se referem a valores nominais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,0%, conforme aponta o IPCA/IBGE.

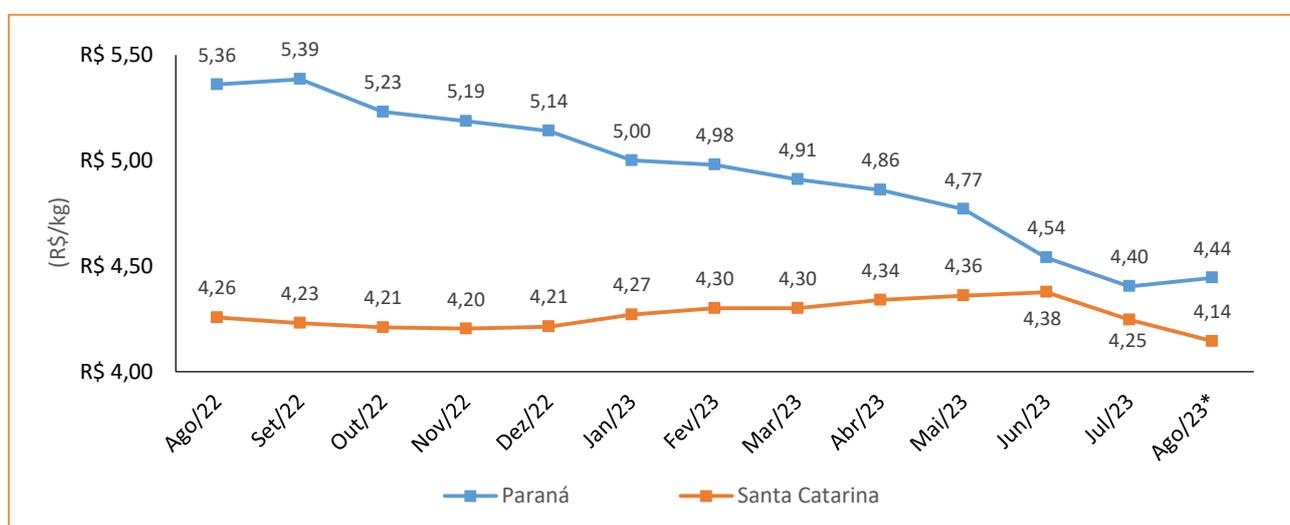


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

Ao considerarmos as variações acumuladas no ano, o preço médio do frango vivo registra queda de 14,3% no Paraná e de 1,5% em Santa Catarina.

Na comparação entre a primeira quinzena de agosto e o mês anterior, registraram-se situações distintas nas regiões⁷ de Santa Catarina em que a Epagri/Cepa realiza levantamento de preços: queda de 4,4% na região Oeste e de 2,1% na região do Litoral Sul, enquanto na região Meio Oeste o preço se manteve inalterado no período. Em relação aos preços de agosto de 2022, por sua vez, observaram-se quedas nas regiões Litoral Sul (2,8%) e Oeste (10,3%), enquanto a Meio Oeste registrou variação positiva (10,3%).

⁷ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. As praças de Chapecó, Joaçaba e do sul catarinense, por exemplo, passam a ser denominadas região Oeste, região Meio Oeste e região Litoral Sul, respectivamente.

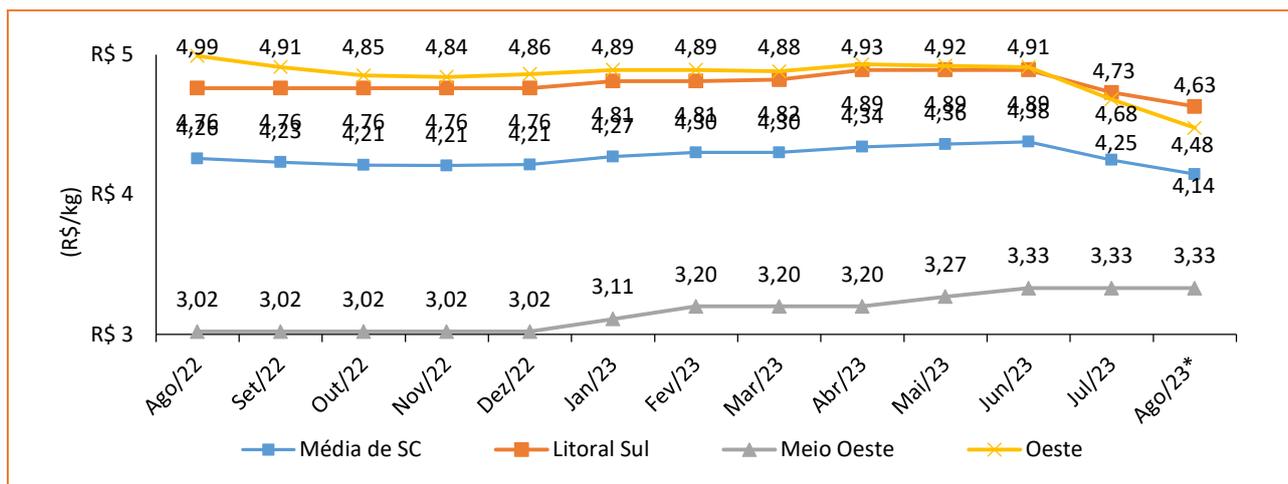


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado de todos os cortes apresentaram queda na primeira quinzena de agosto em relação aos do mês anterior: -3,3% para a coxa/sobrecoxa; -2,8% para o filé de peito; -1,9% para o peito com osso e -1,1% para o frango inteiro. A variação média dos quatro cortes foi de -2,3%. No acumulado do ano, a queda foi de 32,9%.

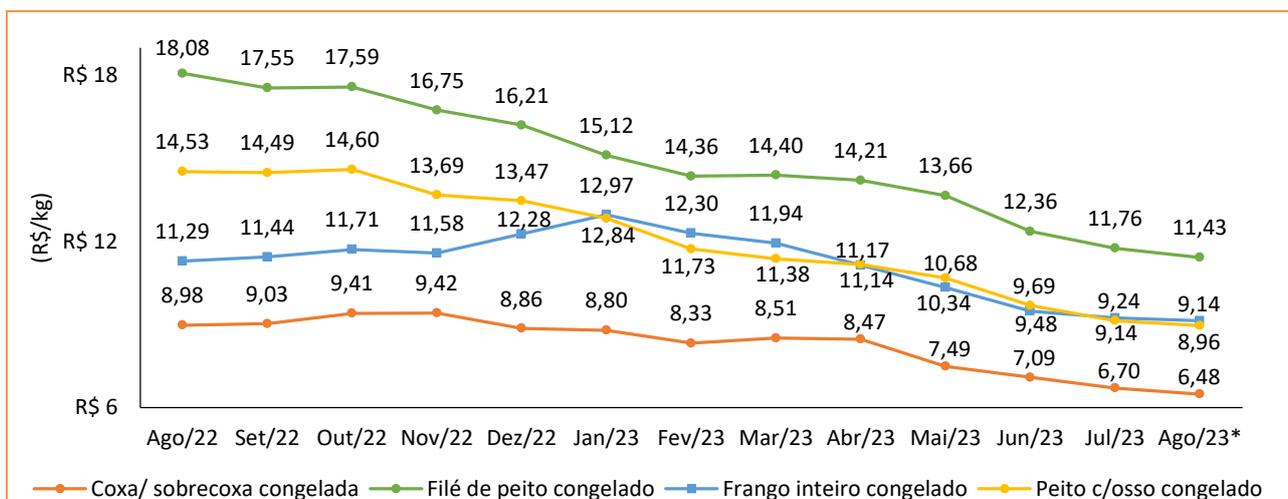


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

As quedas nos preços da carne de frango decorrem, essencialmente, da elevada oferta do produto em razão do aumento na produção, conforme veremos adiante. Os recentes recuos nos custos de produção também contribuíram para esse cenário, uma vez que ampliaram as margens de manobra das agroindústrias, viabilizando quedas mais expressivas com vistas a equilibrar os estoques.

Na comparação entre os preços preliminares de agosto e os do mesmo mês de 2022, também são registradas quedas expressivas em todos os cortes: -38,3% para o peito com osso; -36,8% para o filé de peito; -27,8% para a coxa/sobrecoxa e -19,1% para o frango inteiro. A variação média dos quatro cortes foi de -30,5%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de frangos em aviário climatizado positivo em Santa Catarina, em julho, foi de R\$ 4,61/kg de peso vivo, queda de 8,2% em relação ao custo registrado no mês anterior. No ano, acumula-se queda de 15,7%. Esses resultados são decorrentes, essencialmente, da redução nos preços do milho e da soja, principais componentes das rações animais.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 2,1% na primeira quinzena de agosto em relação ao índice do mês anterior, retomando o movimento observado em quase todo o 1º semestre. Essa variação foi resultante da queda no preço do milho na região Oeste (-4,2%), parcialmente compensada pela variação negativa no preço do frango vivo na mesma praça (-2,1%). O valor atual dessa relação de troca está 28,3% abaixo do que foi registrado em agosto de 2022.

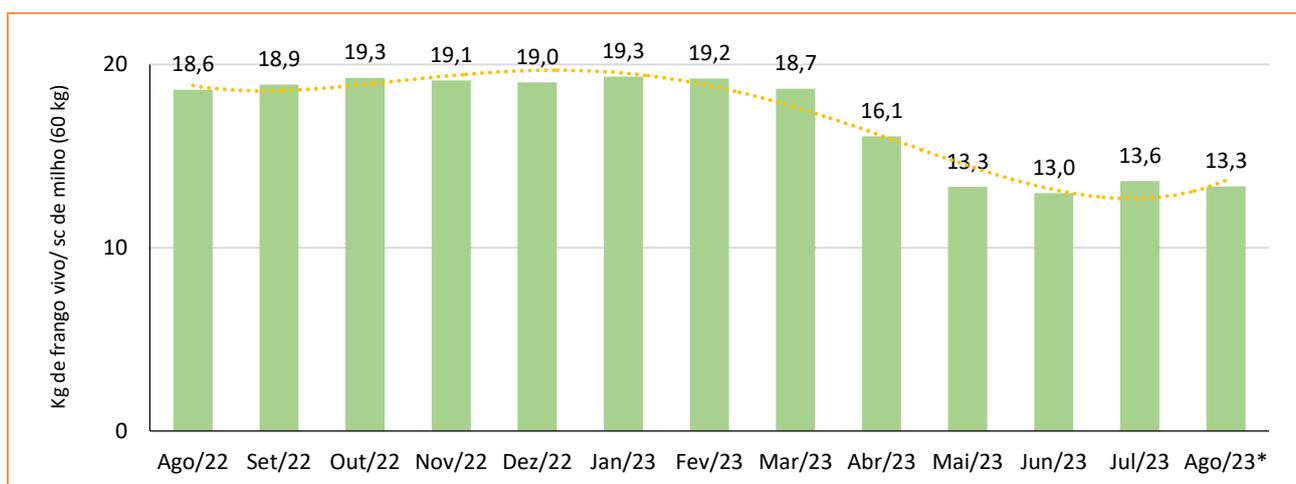


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na região Oeste.

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Com o avanço da colheita da 2ª safra de milho e os bons resultados que vêm sendo obtidos, a perspectiva é que os preços do milho se mantenham em patamares relativamente baixos ao longo dos próximos meses, favorecendo o segmento da produção de animais. As quedas nos preços do cereal só não são mais acentuadas em razão de dificuldades climáticas enfrentadas pelos produtores de milho dos Estados Unidos e por conta da não renovação do Acordo do Mar Negro, que permitia a exportação do milho originário da Ucrânia.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou 422,8 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada) - queda de 2,0% em relação às exportações do mês anterior -, mas alta de 7,8% na comparação com as de julho de 2022. As receitas foram de US\$ 845,6 milhões - queda de 2,5% em relação às do mês anterior e de 3,1% na comparação com as de julho de 2022.

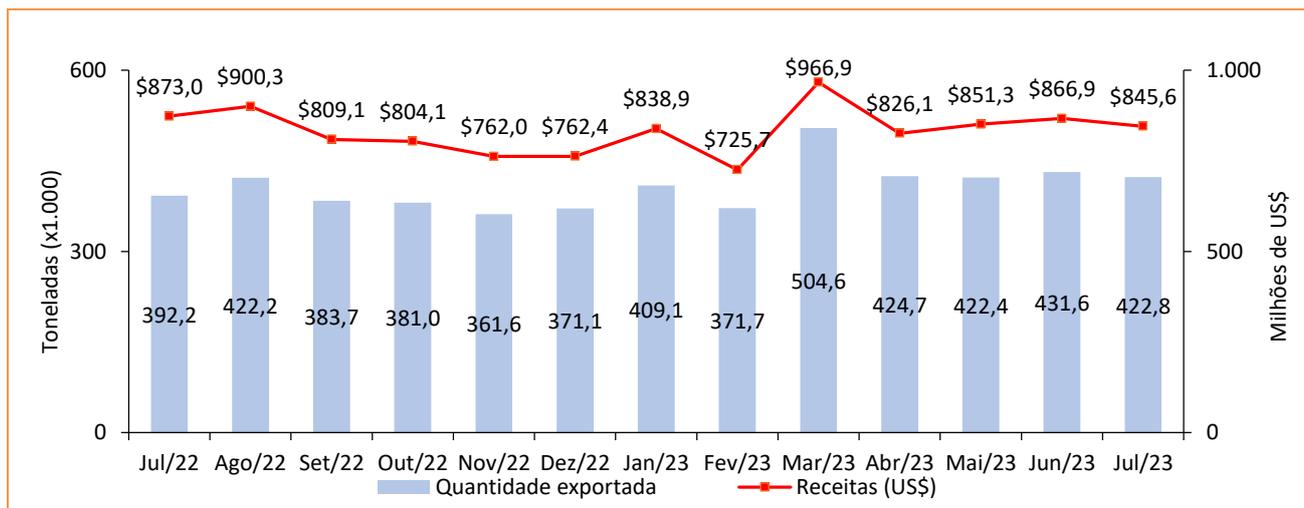


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Não obstante as variações negativas registradas no mês passado, o setor avícola segue com a perspectiva de obter bons resultados no mercado externo, sendo esperado um novo recorde de exportações este ano. De janeiro a julho, o Brasil exportou 2,99 milhões de toneladas, com receitas de US\$ 5,92 bilhões – altas de 9,3% em quantidade e de 8,1% em valor, na comparação com o mesmo período de 2022. Os principais destinos foram China, Japão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Países Baixos, nesta ordem, responsáveis por 49,7% das receitas deste ano.

Santa Catarina, por sua vez, exportou 90,3 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada) em julho – queda de 0,7% em relação às exportações do mês anterior, mas alta de 3,5% na comparação com as de julho de 2022. As receitas foram de US\$ 196,2 milhões – queda de 0,3% em relação às do mês anterior e de 3,4% na comparação com as de julho de 2022.

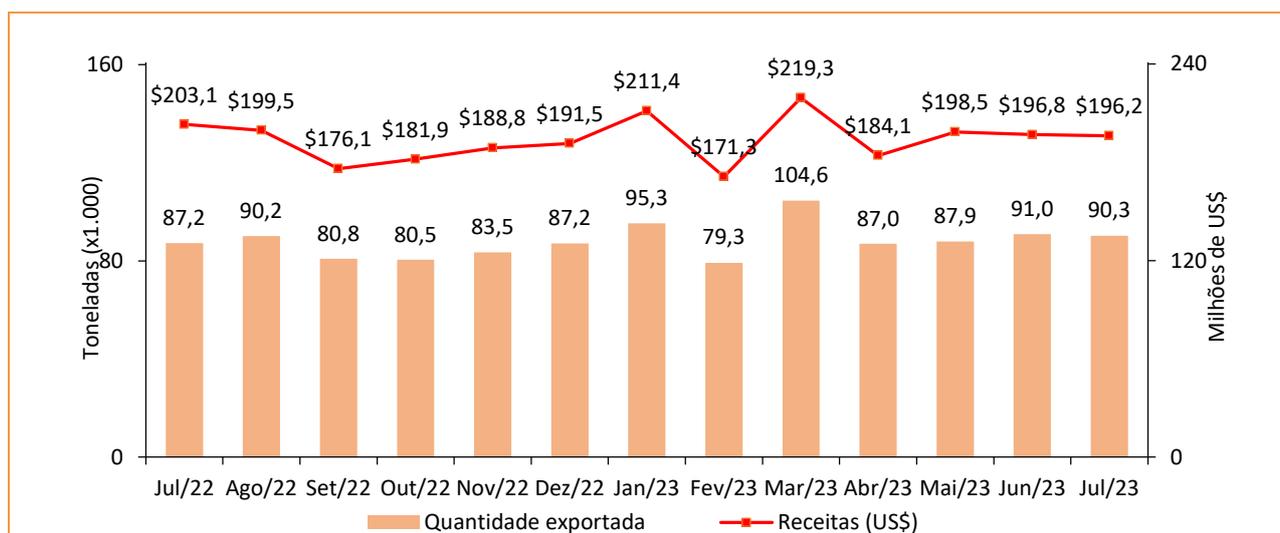


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em julho foi de US\$ 2.078,37/t - queda de 0,8% em relação ao do mês anterior e de 8,4% na comparação com o de julho de 2022.

No acumulado de janeiro a julho, Santa Catarina exportou 635,4 mil toneladas, com receitas de US\$ 1,38 bilhão – altas de 6,9% em quantidade e de 9,5% em valor, na comparação com as do mesmo período do

ano passado. O estado foi responsável por 23,3% das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos sete primeiros meses do ano. A Tabela 1 apresenta as quantidades e receitas das exportações para os principais destinos deste ano.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a jul./2023		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	183.893.564,00	78.362
China	182.893.532,00	80.560
Arábia Saudita	155.586.994,00	67.483
Países Baixos (Holanda)	152.863.632,00	46.807
Emirados Árabes Unidos	102.330.396,00	46.413
Demais países	600.029.318,00	315.785
Total	1.377.597.436,00	635.410

Fonte: Comex Stat, ago./2023.

Os resultados do período refletem o crescimento dos embarques para a maioria dos principais destinos, com destaque para a China, que registrou alta de 45,5% em quantidade e 46,3% em receitas, na comparação com o mesmo período de 2022. Merecem menção, ainda, as exportações para a Arábia Saudita (alta de 19,0% em quantidade e 23,8% em receitas) e para os Países Baixos (2,1% e 17,3%, respectivamente). O Japão, por sua vez, registrou, no período, queda de 2,6% em quantidade, embora ainda apresente variação positiva em valor (4,9%).

Quando se comparam os embarques para o Japão realizados em julho com os do mês anterior, por outro lado, verifica-se queda bem mais acentuada: -22,9% em volume. Esta situação é decorrente, essencialmente, da suspensão das exportações de carne de frango de Santa Catarina, determinada pelo governo japonês em razão da detecção de um caso de influenza aviária em aves de autoconsumo, como veremos adiante.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em julho deste ano o estado atingiu a marca de 503,2 milhões de frangos destinados ao abate, alta de 3,4% em relação à produção do mesmo período de 2022.

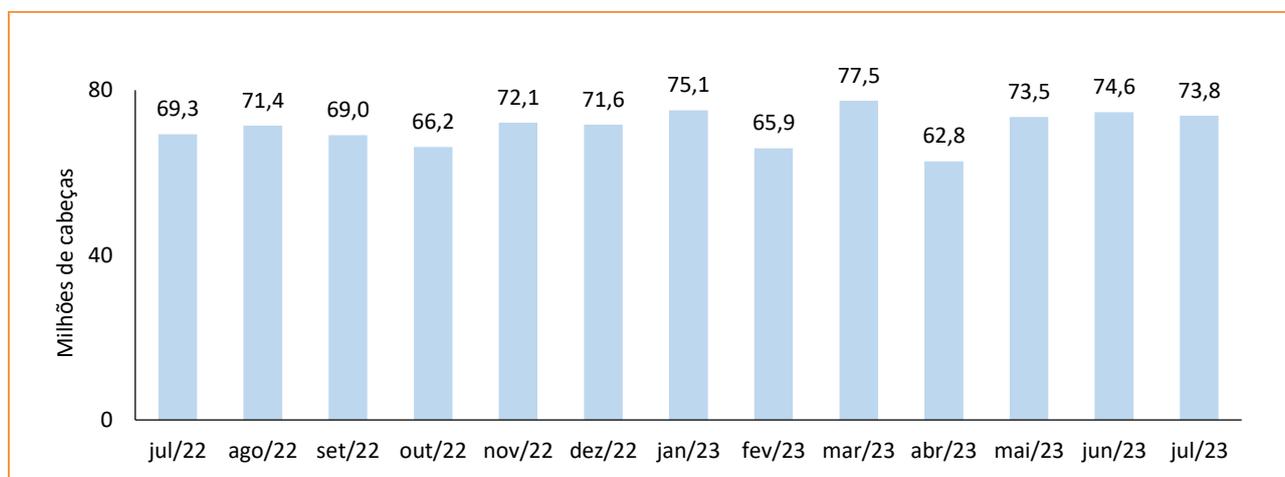


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção por mês – 2022/2023

Fonte: Comex Stat.

De todos os animais produzidos no período, 97,1% foram abatidos em Santa Catarina, destinando-se o restante a frigoríficos localizados em outros estados.

Recentemente, o IBGE divulgou os dados preliminares referentes ao abate de frangos no 2º trimestre deste ano. Segundo o órgão, o Brasil abateu 1,56 bilhão de aves no período. No acumulado do 1º semestre, atingiu-se o montante de 3,16 bilhões, crescimento expressivo de 4,9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Influenza aviária

No dia 15 de julho, a Secretaria de Estado da Agricultura, através da Cidasc, confirmou um novo caso de influenza aviária em uma criação de fundo de quintal, para subsistência, no município de Maracajá, no sul de Santa Catarina. Em decorrência da detecção desse foco, no dia 17 de julho o Japão suspendeu as importações de carne de frango de Santa Catarina, da mesma forma que havia feito algumas semanas antes em relação ao Espírito Santo, quando foi registrado um caso semelhante naquele estado.

Na opinião de diversos analistas, a medida do governo japonês contraria as orientações da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). O Código de Saúde de Animais Terrestre da OMSA determina que os países-membros da entidade não devem suspender o comércio no caso de notificações de influenza aviária que não seja em aves de produção industrial.

Nos dias seguintes, o ministro da agricultura do Brasil, juntamente com representantes do setor de proteína animal, estiveram no Japão para tentar negociar a reabertura daquele mercado. Na oportunidade, as autoridades japonesas sinalizaram que aceitariam a proposta brasileira de regionalização das restrições em novos casos de influenza aviária que viessem a ser detectados, vetando somente os produtos originários dos municípios diretamente atingidos pelos focos.

Em 11 de agosto, o governo japonês anunciou o fim da suspensão sobre a importação de carne de frango, de derivados e ovos do Espírito Santo, medida que vigorava desde 28 de junho. Por outro lado, as exportações de Santa Catarina para aquele país seguem suspensas até a finalização do presente boletim, em 15 de agosto.

Até meados de agosto, haviam sido confirmados 79 focos de influenza aviária no Brasil, em sete diferentes estados (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Desse total, 9 casos foram registrados em Santa Catarina.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

O Brasil vivencia um momento de baixa no mercado de bovinos. Na primeira quinzena de agosto, os preços do boi gordo apresentaram quedas em relação aos do mês anterior em todos os estados acompanhados: - 8,9% no Rio Grande do Sul; -6,4% em São Paulo; -6,1% no Mato Grosso do Sul; -4,8% em Minas Gerais; - 3,6% em Goiás; -3,3% no Paraná; -3,3% no Mato Grosso e -1,1% em Santa Catarina.

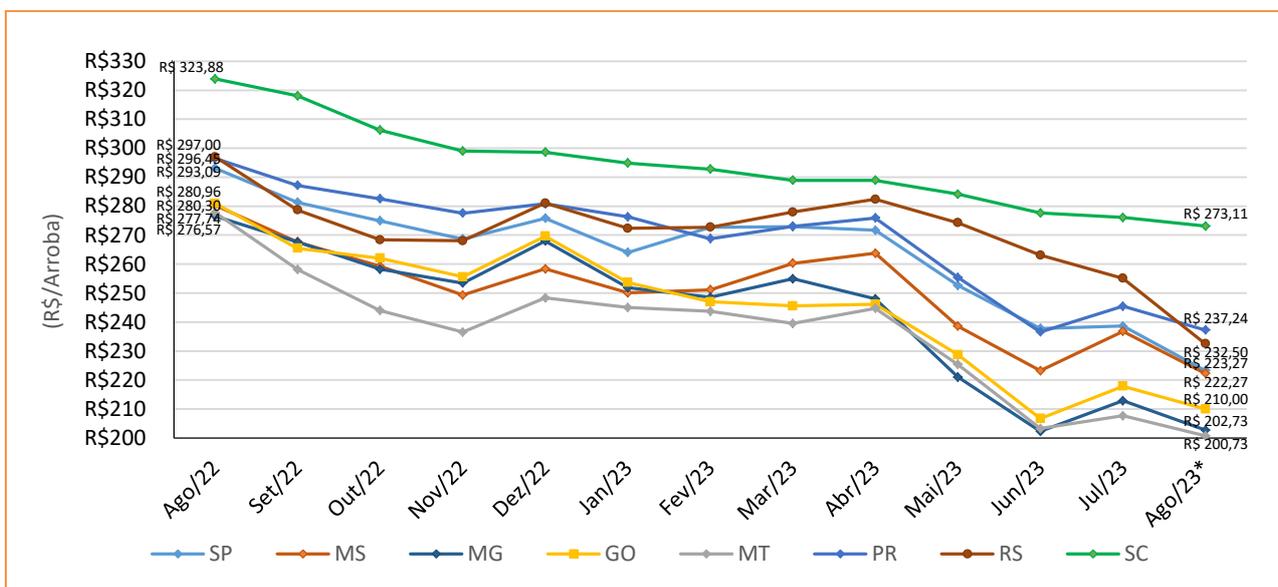


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro.

Na comparação entre os preços atuais e os de agosto de 2022, verificam-se expressivas variações negativas em todos os estados analisados: -27,7% no Mato Grosso; -26,7% em Minas Gerais; -25,3% em Goiás; -23,8% em São Paulo; -21,7% no Rio Grande do Sul; -20,7% no Mato Grosso do Sul; -20,0% no Paraná e -15,7% em Santa Catarina. Essas variações, contudo, levam em consideração os valores nominais. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,0%, o que significa, em valores corrigidos, que as quedas são ainda mais expressivas.

Os preços do boi gordo mantiveram-se inalterados na primeira quinzena de agosto nas duas regiões de referência⁸ em Santa Catarina, na comparação com os valores do mês anterior. Em relação aos preços de agosto de 2022, são registradas quedas em ambos os casos: -20,2% na região Oeste e -14,1% na região Planalto Sul.

⁸ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. As praças de Chapecó e Lages, por exemplo, passaram a ser denominadas região Oeste e região Planalto Sul, respectivamente.

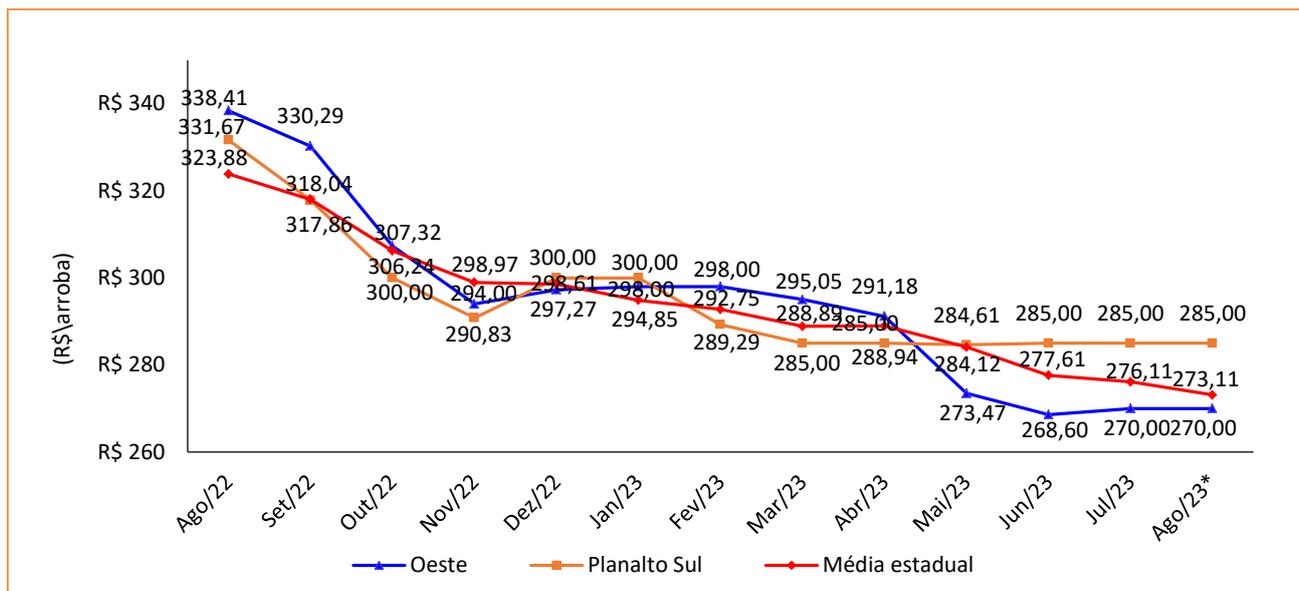


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina, por sua vez, apresentaram quedas na primeira quinzena de agosto em relação aos preços do mês anterior: -0,3% na carne de dianteiro e -0,1% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -0,2%. No acumulado do ano, e até o momento, a queda é de 8,9%.

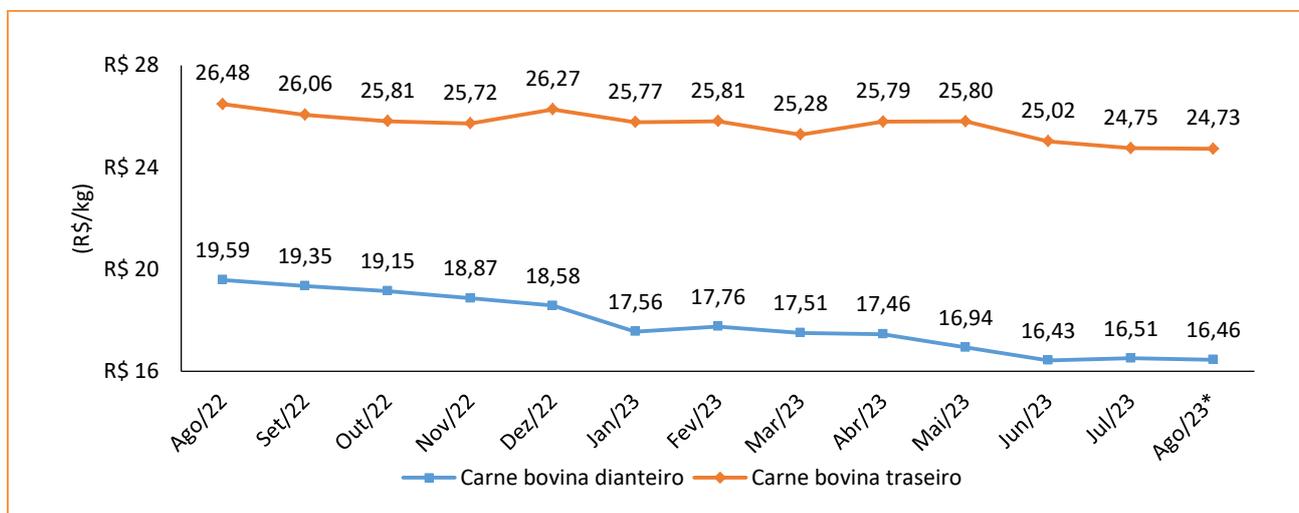


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com os de agosto de 2022, também se observam quedas nos dois casos: -16,0% para o preço da carne de dianteiro e -6,6% para o da carne de traseiro, com média de -11,3%. Os movimentos de queda, tanto nos valores do boi gordo quanto nos preços de atacado da carne bovina, devem-se, principalmente, à oferta elevada, como veremos adiante. Além disso, as carnes concorrentes (de frango e suína) também têm apresentado variações negativas de preço, o que acirra a disputa pela preferência do consumidor e acentua a pressão de queda sobre a carne bovina. Outro fator que contribui para o cenário atual é a queda nos custos de produção, em especial pela redução no preço do milho. A perspectiva é de que os movimentos de queda se mantenham ao longo dos próximos meses. Por outro

lado, a eventual retomada do ritmo de exportações observado nos anos anteriores pode resultar em pressão de alta sobre os preços.

Custos

Na primeira quinzena de agosto, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram quedas consideráveis em relação aos do mês anterior para ambas as categorias: -2,4% para os bezerros de até 1 ano e -4,3% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com as médias de agosto de 2022, também foram registradas quedas: -2,3% para os bezerros e -12,5% para os novilhos. Desde maio, predominam movimentos de queda nos dois casos, como evidencia a Figura 4.

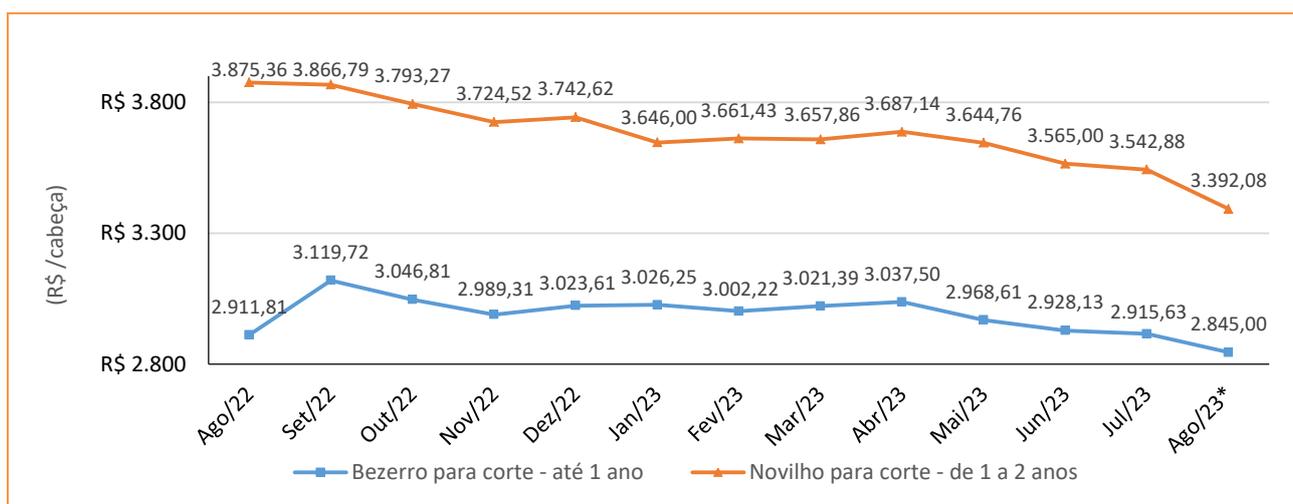


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

O Brasil exportou 184 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas) em julho – queda de 15,5% em relação às exportações do mês anterior e de 3,3% quando comparadas às do mesmo mês de 2022. As receitas foram de US\$ 852,9 milhões – recuo de 20,1% em relação às do mês anterior e de 29,4% na comparação com as de julho de 2022.

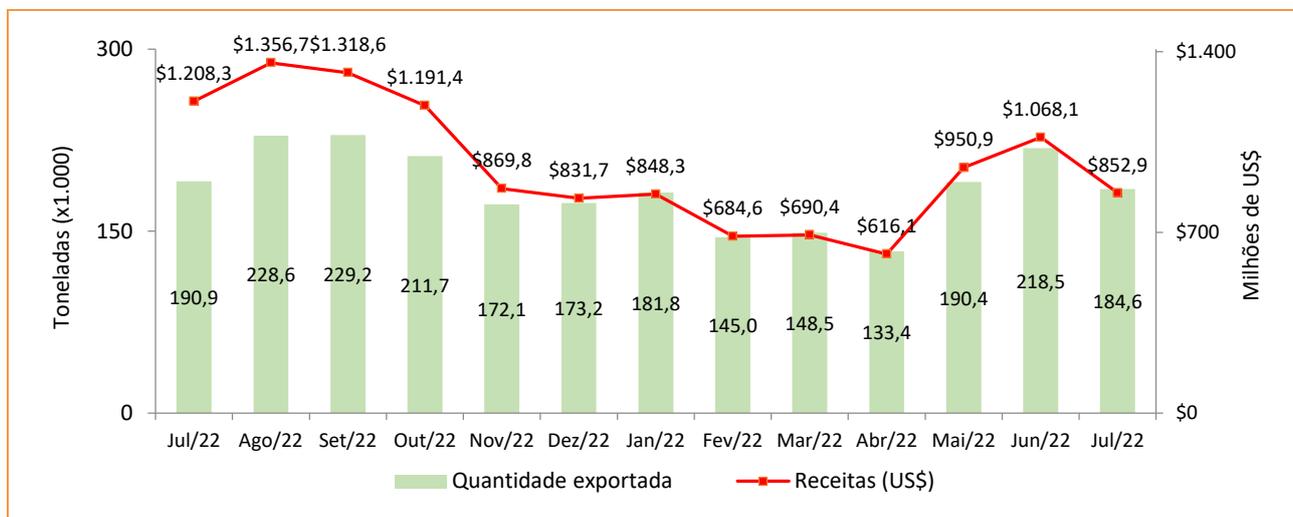


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Não obstante a variação negativa em relação ao mês anterior, os resultados de julho estão acima das médias mensais deste ano, tanto em quantidade quanto em valor.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em julho foi de US\$ 4.740,22/t – queda de 6,2% em relação ao valor da carne exportada no mês anterior e de 27,6% em relação à de julho de 2022. De janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou 1,20 milhão de toneladas de carne bovina, com US\$ 5,71 bilhões em receitas – quedas de 3,7% em quantidade e de 22,7% em valor na comparação com o volume exportado, e respectivas receitas, relativas ao mesmo período de 2022.

Santa Catarina exportou 111,1 toneladas de carne bovina em julho, com faturamento de US\$ 388,0 mil – quedas de 0,5% em quantidade e de 4,4% em receitas na comparação com os embarques do mês anterior. No acumulado de janeiro a julho, o estado exportou 683,4 toneladas, com receitas de US\$ 2,5 milhões, -49,9% e -58,0%, respectivamente, em relação às exportações do mesmo período do ano passado.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, de janeiro a julho deste ano foram abatidos 345,0 mil bovinos em Santa Catarina – queda de 3,8% em relação à produção do mesmo período de 2022.

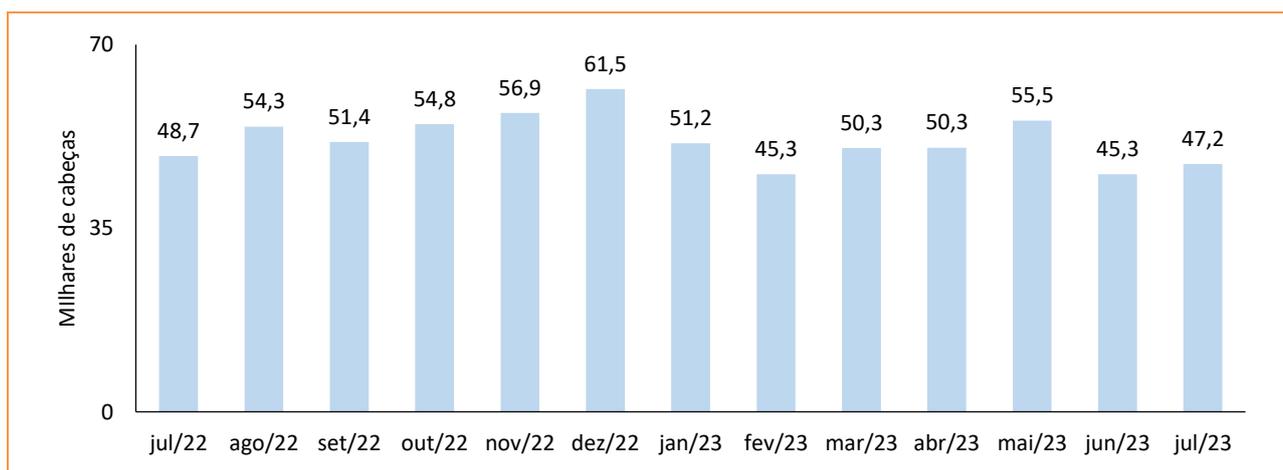


Figura 6. Bovinos – Santa Catarina: produção por mês – abates inspecionados – 2022/2023

Fonte: Comex Stat.

Vale destacar que o montante mencionado se refere somente aos animais abatidos em estabelecimentos com algum tipo de inspeção sanitária, não se contabilizando os bovinos destinados a autoconsumo. Recentemente, o IBGE divulgou os dados preliminares referentes ao abate de bovinos no 2º trimestre deste ano. Segundo o órgão, o Brasil abateu, no período, 8,25 milhões de cabeças. No acumulado do 1º semestre, atingiu o montante de 15,59 milhões, crescimento expressivo de 8,0% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

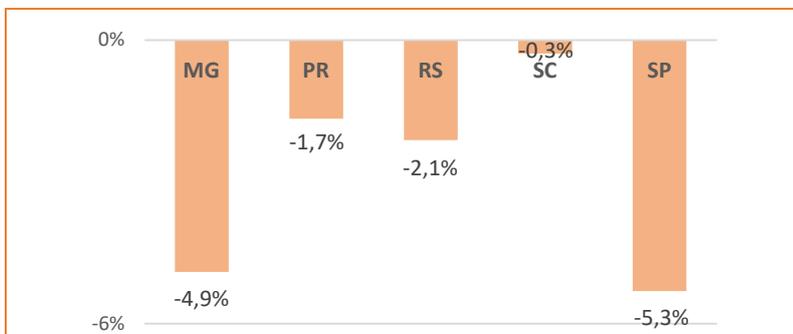


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jul./ago. 2023*)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Na primeira quinzena de agosto, as cotações do suíno vivo apresentaram quedas em relação às do mês anterior em todos os principais estados produtores, conforme evidencia a figura 1, em índices que variam de -0,3% a -5,3%. Este cenário contrasta com as fortes altas registradas em julho, quando se chegou a observar variações de 11,1% e 13,3% em São Paulo e no Paraná, respectivamente.

Quando se comparam os preços atuais com os de agosto de 2022, também se verificam variações negativas em todos

os estados: -14,0% em São Paulo; -13,3% em Minas Gerais; -7,6% no Rio Grande do Sul; -6,4% em Santa Catarina e -5,5% no Paraná. Tais variações dizem respeito aos valores nominais, sendo necessário levar em consideração a inflação acumulada no período. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação dos últimos 12 meses foi de 4,0%.

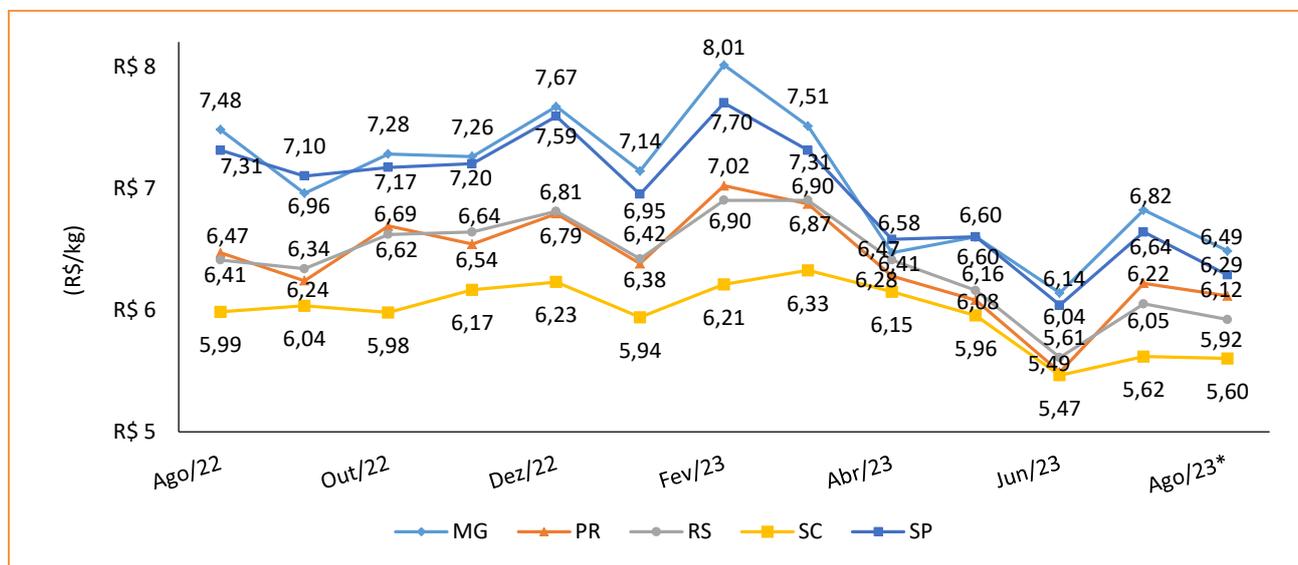


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Os preços dos suínos vivos na região Oeste⁹ de Santa Catarina, região de referência para esses animais, apresentaram quedas na primeira quinzena de agosto em relação às médias do mês anterior: -1,1% tanto para os produtores independentes, quanto para os integrados. Com isso, manteve-se o movimento predominante desde abril. Na comparação com os preços de agosto de 2022, também são registradas variações negativas em ambos os casos: -12,8% para os independentes e -3,9% para os integrados.

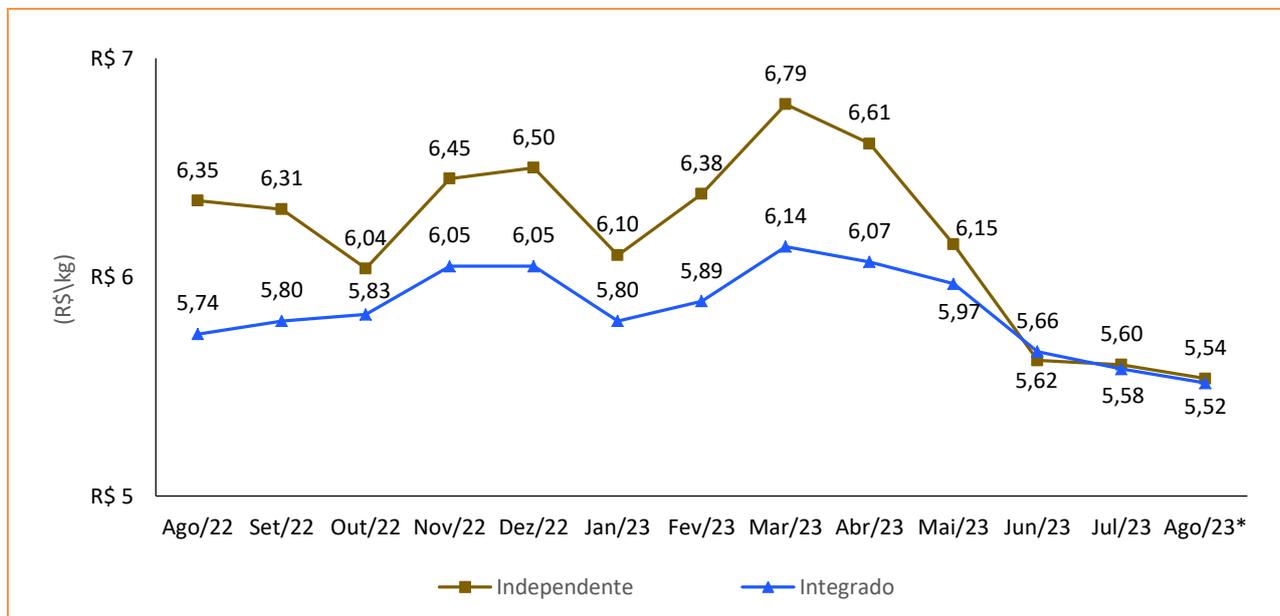


Figura 3. Suíno vivo – Região Oeste/SC: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado, por sua vez, apresentaram movimentos distintos nas primeiras semanas de agosto, de acordo com o tipo de corte: carré e costela apresentaram altas de 2,4% e 0,4%, respectivamente. Por outro lado, variações negativas foram observadas no caso da carcaça (-2,3%), do lombo (-1,8%) e do pernil (-0,3%). A variação média dos cinco cortes foi de -0,3%. No ano, acumula-se queda de 3,6%.

⁹ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. A praça de Chapecó, por exemplo, passou a ser denominada região Oeste.

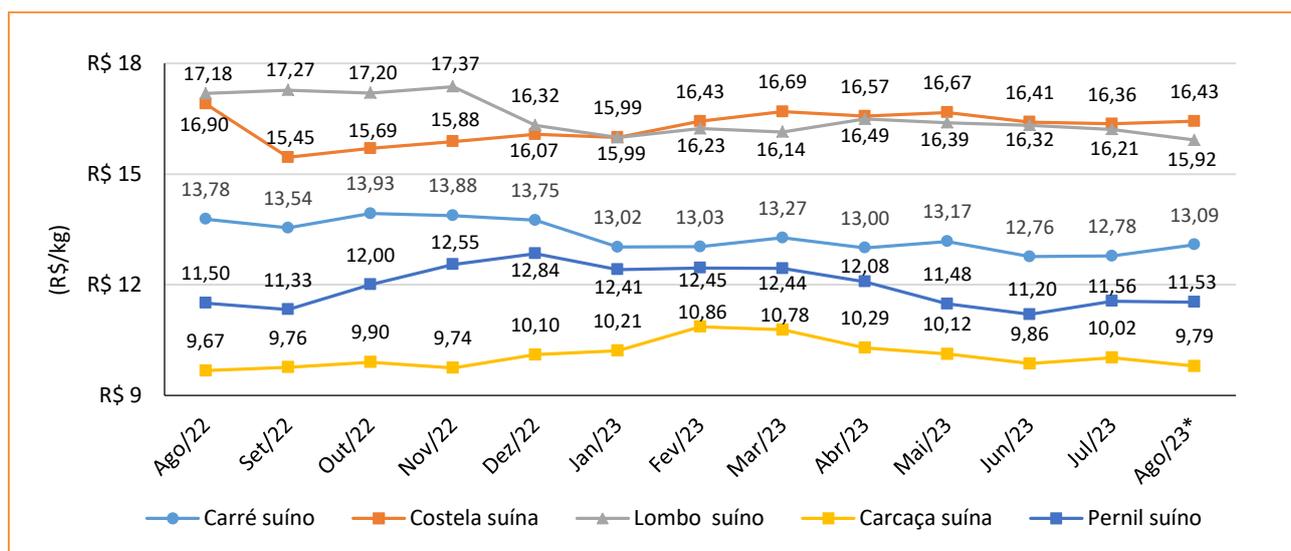


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais com os de agosto de 2022 também se observam movimentos distintos, de acordo com o corte. Três cortes registraram quedas: lombo, -7,4%; carré, -5,0% e costela, -2,8%. Variações positivas são registradas no caso da carcaça inteira e do pernil: 1,2% e 0,2%, respectivamente. Na média, registrou-se queda de 2,7% no período.

As quedas nos preços dos animais vivos e da carne suína devem-se, principalmente, à grande oferta do produto, além da competição de outras opções economicamente mais atraentes, caso da carne de frango e dos ovos. Os recentes recuos nos custos de produção também contribuíram para esse cenário, uma vez que ampliaram as margens de manobra das agroindústrias, viabilizando quedas mais expressivas com vistas a melhorar a competitividade de seus produtos.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi, em julho, de R\$ 5,86/kg de peso vivo - alta de 2,3% em relação ao custo estimado para o mês anterior. Apesar dessa variação positiva, no ano acumula-se queda de 16,7%. A elevação nos preços do milho, registrada no mês passado, foi a principal causa da interrupção do movimento de queda nos custos que vinha sendo registrado desde março.

Na primeira quinzena de agosto, os preços dos leitões apresentaram quedas em relação aos do mês anterior em ambas as categorias: -2,4% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -5,5% para os leitões de aproximadamente 22 kg. Na comparação com os preços de agosto de 2022, também se registram variações negativas: -4,1% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -3,0% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

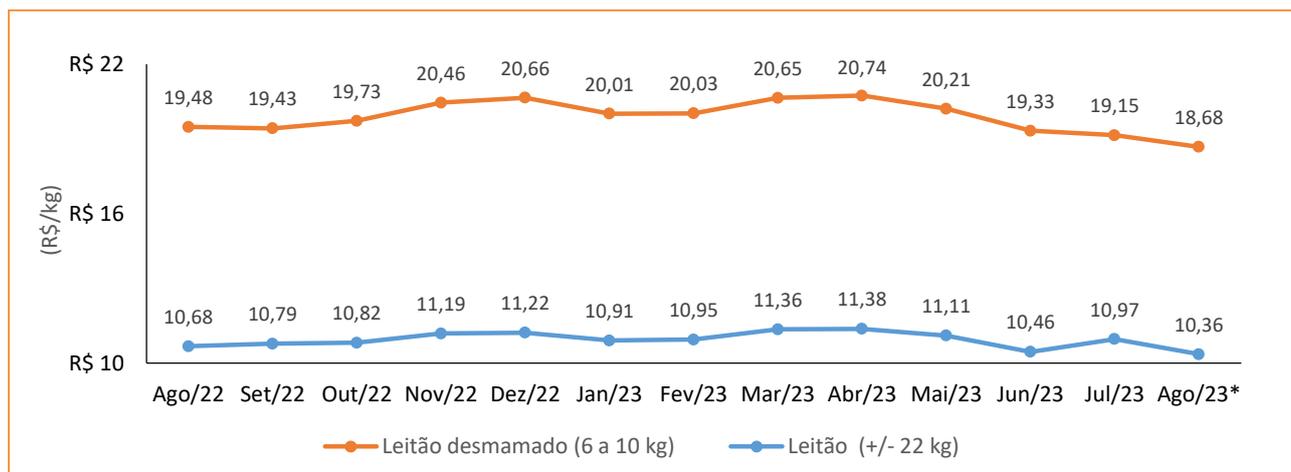


Figura 5. Leiteões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de troca insumo-produto voltou a apresentar variação negativa na primeira quinzena de agosto, tendência predominante ao longo do 1º semestre. A queda de 3,0% em relação ao valor do mês anterior se deve à queda no preço do milho na região Oeste (-4,2%) nesse período, parcialmente compensada pela redução de 1,1% no preço do suíno vivo na mesma região. O valor atual da relação de troca está 27,3% abaixo do observado em agosto de 2022.

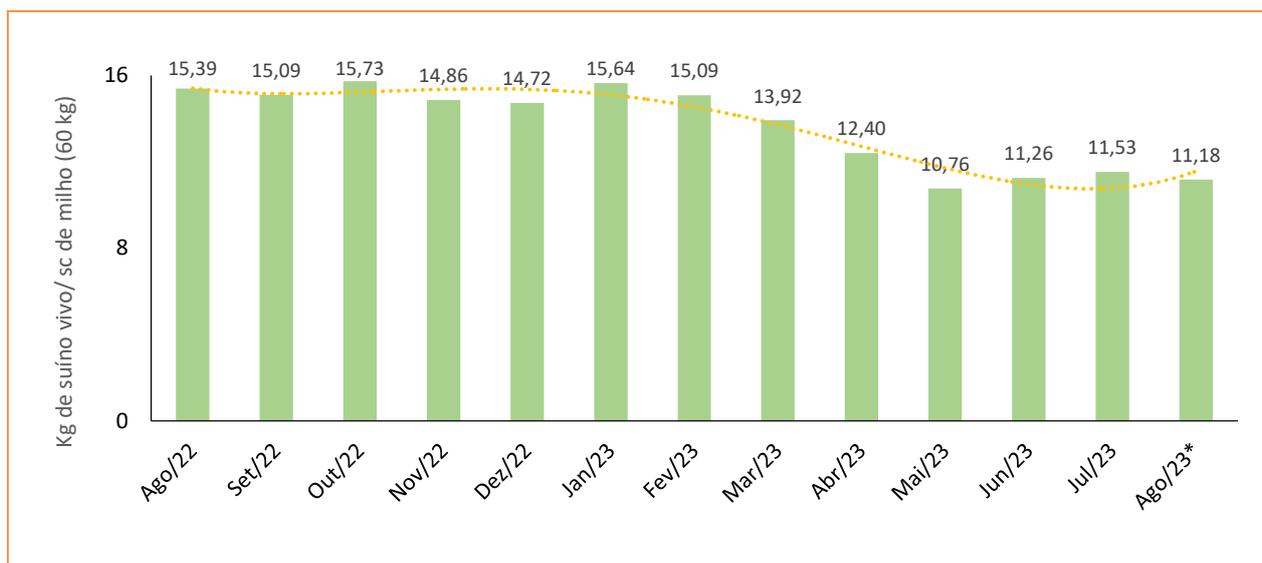


Figura 6. Suíno vivo – Região Oeste/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

* Os valores de agosto de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Com o avanço da colheita da 2ª safra de milho e os bons resultados que vêm sendo obtidos, a perspectiva é que seus preços se mantenham em patamares relativamente baixos ao longo dos próximos meses, favorecendo o segmento da produção de animais. As quedas só não são mais acentuadas em razão de dificuldades climáticas enfrentadas pelos produtores de milho dos Estados Unidos e por conta da não renovação do Acordo do Mar Negro, que permitia a exportação do cereal originário da Ucrânia.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou 101,9 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) – queda de 4,4% em relação às exportações do mês anterior, mas alta de 7,5% na comparação com as de julho de 2022. As receitas foram de US\$ 245,6 milhões, recuo de 6,1% em relação às do mês anterior, mas crescimento de 11,5% na comparação com as de julho de 2022.

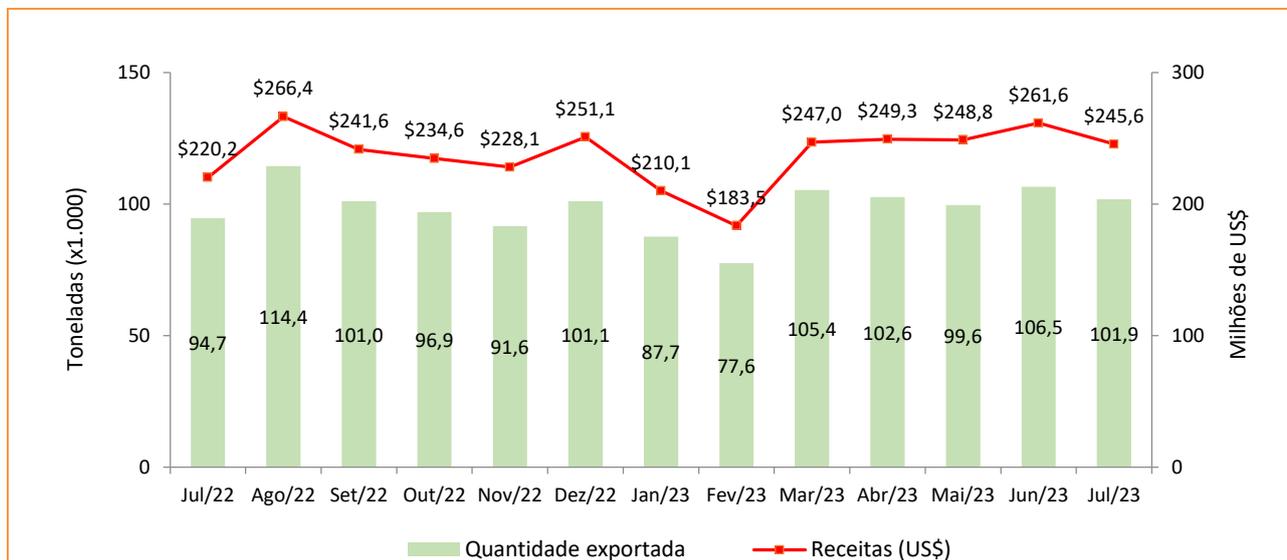


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

De janeiro a julho, o Brasil exportou 681,2 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$ 1,65 bilhão – altas de 14,7% e de 24,7%, respectivamente, na comparação com as exportações do mesmo período de 2022.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína nos sete primeiros meses deste ano foram: China (38,9% do total); Hong Kong (9,5%); Filipinas (9,1%); Chile (6,9%) e Singapura (6,4%). Esses cinco destinos foram responsáveis por 70,8% das receitas no período.

Santa Catarina exportou 53,8 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em julho – queda de 9,7% em relação às exportações do mês anterior, mas alta de 4,9% na comparação com as de julho de 2022. As receitas foram de US\$ 133,4 milhões, queda de 11,4% em relação às do mês anterior, mas elevação de 8,1% em relação às de julho de 2022.

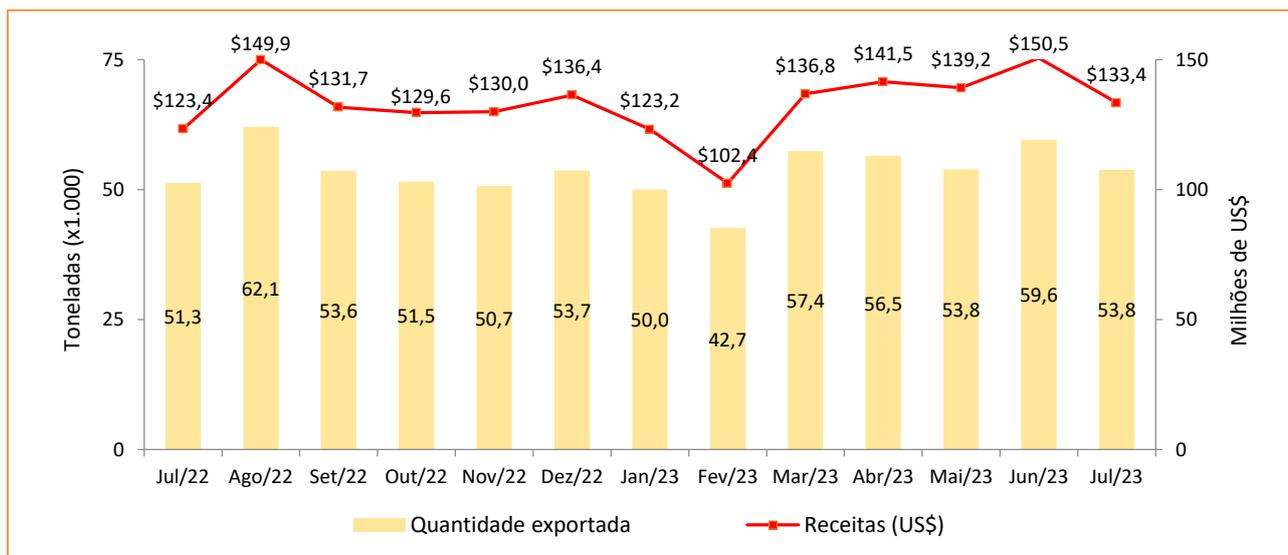


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de US\$ 2.521,78/t – queda de 2,9% em relação ao do mês anterior, mas alta de 3,8% na comparação com o valor de julho de 2022. No acumulado de janeiro a julho, o estado exportou 373,8 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$ 927,0 milhões – altas de 13,1% e 22,9%, respectivamente, em relação às do mesmo período de 2022. Santa Catarina respondeu por 56,3% das receitas e por 54,9% do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano. Os cinco principais destinos das exportações catarinenses foram responsáveis por 81,7% das receitas dos sete primeiros meses do ano, com destaque para a China e Hong Kong, que, juntas, responderam por 45,5% dos embarques do período.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a jul./2023

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	380.968.312,00	154.535
Filipinas	149.101.089,00	59.991
Chile	113.467.965,00	48.108
Japão	73.059.290,00	21.492
Hong Kong	40.727.229,00	17.762
Demais países	169.698.397,00	71.931
Total	927.022.282,00	373.819

Fonte: Comex Stat, agosto/2023.

Os resultados positivos desse período devem-se ao crescimento dos embarques para quase todos os compradores, em especial a China (2,4% em quantidade e 14,3% em valor), as Filipinas (19,9% e 32,6%) e o Chile (82,3% e 105,5%), os três principais destinos. Merece destaque também o caso do México, que, em novembro do ano passado, anunciou a abertura de seu mercado para a carne suína brasileira. No acumulado do ano, as exportações para esse país já atingiram 7,64 mil toneladas, levando-o a ocupar a 7ª posição no ranking.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, de janeiro a julho deste ano foram produzidos em Santa Catarina, e destinados ao abate, 10,5 milhões de suínos – alta de 4,7% em relação ao mesmo período de 2022.

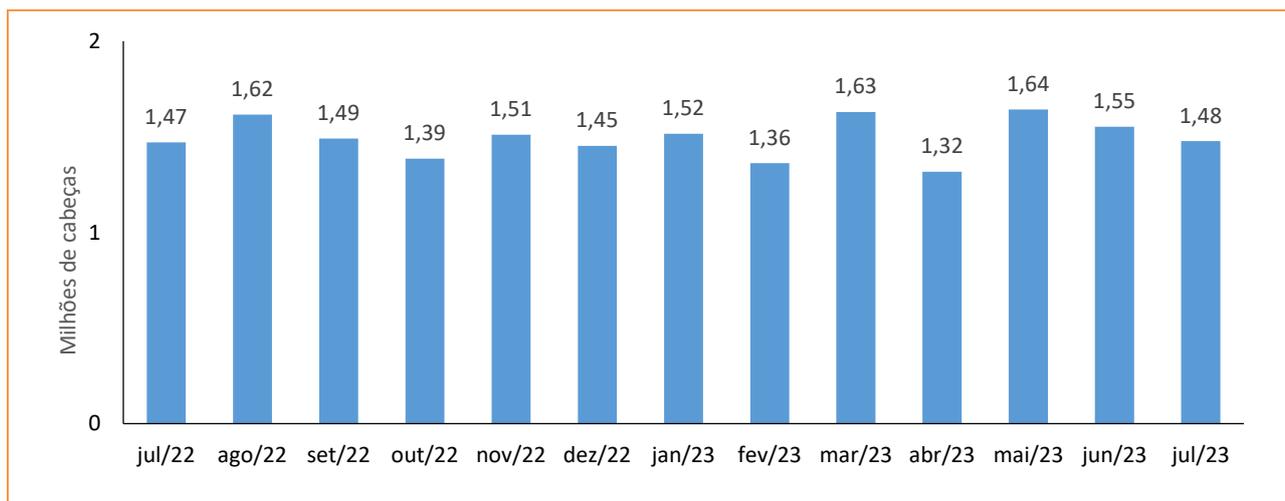


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção por mês – 2022/2023

Fonte: Comex Stat.

Dos animais produzidos no período, 90,6% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a frigoríficos localizados em outros estados.

Recentemente, o IBGE divulgou os dados preliminares referentes ao abate de suínos no 2º trimestre deste ano. Segundo o órgão, o Brasil abateu 14,0 milhões de cabeças no período. No acumulado do 1º semestre, o país atingiu o montante de 28,2 milhões, crescimento de 0,8% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 10 de agosto, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite,¹⁰ com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três meses do segundo trimestre de 2023. No total, foram adquiridos 5,716 bilhões de litros, o que representa um aumento de 3,9% em relação aos 5,499 bilhões de litros adquiridos no segundo trimestre de 2022. Com essa recuperação de desempenho nos meses do segundo trimestre, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras no primeiro semestre foi 1,3% maior do que no mesmo período de 2022 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil

Mês	Bilhão de litros					
	2019	2020	2021	2022	2023	2022-23
Janeiro	2,207	2,272	2,348	2,101	2,097	-0,2
Fevereiro	1,933	2,066	2,051	1,888	1,832	-3,0
Março	2,055	2,109	2,177	1,966	1,954	-0,6
Abril	1,911	1,969	1,946	1,829	1,869	2,2
Mai	1,975	1,957	1,960	1,861	1,941	4,3
Junho	1,974	1,949	1,933	1,809	1,906	5,4
1º semestre	12,055	12,322	12,415	11,454	11,599	1,3
Julho	2,075	2,143	2,040	2,010		
Agosto	2,128	2,199	2,088	2,089		
Setembro	2,081	2,174	2,079	2,050		
Outubro	2,203	2,236	2,140	2,115		
Novembro	2,186	2,224	2,156	2,067		
Dezembro	2,283	2,343	2,204	2,134		
Total anual	25,011	25,641	25,122	23,919		

Nota: dados preliminares para 2022 e primeiros resultados para o 2º trimestre/23.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Por esses dados, considerados todos os primeiros semestres dos cinco últimos anos (2019-2023), apenas no primeiro semestre de 2022 a quantidade de leite adquirida foi menor do que no primeiro semestre deste ano. Portanto, embora esse desempenho do primeiro semestre sinalize mais concretamente para a possibilidade de a quantidade de leite adquirida em 2023 superar os 23,919 bilhões de litros de 2022, o cenário mais provável é de que não alcançará a casa dos 25 bilhões de litros do período de 2019 a 2022.

Balança comercial e participação das importações na oferta de leite no Brasil

Em julho, as importações brasileiras foram de 23,4 milhões de quilos de lácteos. O crescimento - 75,9% em relação a julho de 2022 - é muito significativo, mas é o menor percentual no ano, na comparação com as importações do mesmo mês de 2022. Dadas as fortes quedas nos preços dos lácteos no mercado interno nos meses mais recentes, é bem provável que de agosto a dezembro de 2023 as importações sejam sempre inferiores às dos mesmos meses de 2022 (Tabela 2).

¹⁰ No dia 6/9/2023, o IBGE deverá divulgar os dados dos meses do segundo trimestre deste ano, por unidade da Federação. Isso deverá provocar pequenas mudanças nos números dos “primeiros resultados”.

Tabela 2. Lácteos: importações brasileiras

Mês	Milhões de quilos			Variação %	
	2021	2022	2023	2021-22	2022-23
Janeiro	18,0	8,7	19,8	-51,7	127,6
Fevereiro	15,2	7,1	19,5	-53,3	174,6
Março	14,5	8,1	26,3	-44,1	224,7
Abril	7,3	5,7	18,0	-21,9	215,8
Mai	8,4	8,4	26,9	0,0	220,2
Junho	8,9	11,0	27,4	23,6	149,1
Julho	9,7	13,3	23,4	37,1	75,9
Até julho	82,0	62,3	161,3	-24,0	158,9
Agosto	10,1	22,7	-	124,8	-
Setembro	10,6	25,8	-	143,4	-
Outubro	12,2	21,6	-	77,0	-
Novembro	11,4	18,9	-	65,8	-
Dezembro	11,3	18,9	-	67,3	-
Total anual	137,6	170,2		23,7	-

Fonte: MDIC/Comex Stat.

De qualquer maneira, as importações devem fechar o ano com uma participação na oferta total de leite no Brasil bem mais significativa da que ocorreu na quase totalidade dos anos recentes, com exceção do ano de 2016, quando representaram 7,5% da oferta total. No primeiro semestre/23, a oferta total de leite no Brasil alcançou 12,655 bilhões de litros, sendo 1,056 bilhão de litros - 8,3% do total - de leite importado (Tabela 3).

Tabela 3. Brasil: oferta total de leite inspecionado

Ano	Mil litros			Participação %		
	Ind. Nacional ⁽¹⁾	Importação ⁽²⁾	Total	Ind. Nacional	Importação	Total
2014	24.747.040	725.689	25.472.729	97,2	2,8	100
2015	24.062.308	1.092.192	25.154.500	95,7	4,3	100
2016	23.169.655	1.880.497	25.050.152	92,5	7,5	100
2017	24.333.511	1.269.366	25.602.877	95,0	5,0	100
2018	24.457.864	1.189.191	25.647.055	95,4	4,6	100
2019	25.011.824	1.083.214	26.095.038	95,8	4,2	100
2020	25.641.262	1.346.287	26.987.549	95,0	5,0	100
2021	25.121.800	1.023.623	26.145.423	96,1	3,9	100
2022	23.918.221	1.293.392	25.211.613	94,9	5,1	100
1º sem./22	11.453.559	355.987	11.809.546	97,0	3,0	100
1º sem./23	11.598.679	1.056.374	12.655.053	91,7	8,3	100

⁽¹⁾ Leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas. ⁽²⁾ Em litros de leite-equivalente.

Fonte: IBGE (Pesquisa Trimestral do Leite) e Ministério da Economia (Comex Stat).

Preços aos produtores

No dia 28 de julho, o Conseleite/SC fez a sua sétima reunião de 2023, quando aprovou e divulgou os valores de referência para junho e projetou os valores para julho. Os preços de referência para o leite-padrão ficaram, respectivamente, em R\$ 2,3863/l e R\$ 2,3094/l. Estes são os dois primeiros meses de 2023 em que os preços de referência ficaram em patamares inferiores aos dos mesmos meses de 2022, o que significa idêntico comportamento para os preços dos lácteos no mercado atacadista. Isto se refletiu em quedas consecutivas nos preços recebidos pelos produtores nos três últimos meses. Em junho, o preço ainda foi maior do que no mesmo mês de 2022, mas, em julho e agosto houve quedas bem significativas (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade			Variação (%)	
	2021	2022	2023	2021-22	2022-23
Janeiro	1,94	1,90	2,39	-2,1	25,8
Fevereiro	1,78	1,92	2,64	7,9	37,5
Março	1,71	2,02	2,66	18,1	31,7
Abril	1,76	2,26	2,72	28,4	20,4
Mai	1,84	2,45	2,82	33,2	15,1
Junho	1,99	2,57	2,67	29,1	3,9
Julho	2,15	3,04	2,50	41,4	-17,8
Agosto	2,17	3,51	2,24 ⁽²⁾	61,8	-36,2
Média até agosto	1,92	2,46	2,58	28,1	4,9
Setembro	2,17	2,95		35,9	-
Outubro	2,12	2,46		16,0	-
Novembro	1,95	2,35		20,5	-
Dezembro	1,84	2,32		26,1	-
Média	1,95	2,48		27,2	-

⁽¹⁾ Média do preço mais comum nas principais regiões produtoras. ⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Ceapa.